



Sistema **OCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 13 • MAR./ABR. 2014

# SABER COOPERAR

A REVISTA DO COOPERATIVISMO

## E FAZ-SE A LUZ

**COOPERATIVAS DE  
ELETRIFICAÇÃO  
TRABALHAM PARA  
LEVAR ENERGIA AO  
INTERIOR**



**LIDERANÇAS FEMININAS  
MULHERES APERFEIÇOAM  
O COOPERATIVISMO**

**UNIVERSALIDADE  
NOVA LOGOMARCA UNIFICA  
COOPERATIVAS DO MUNDO**

JUNTOS SOMOS MAIS E PODEMOS MAIS!

O poder da união, do voluntariado, da cooperação. É isso que o Brasil vai ver no dia 6 de setembro de 2014. Pela primeira vez realizado simultaneamente em 21 estados, o Dia C (Dia de Cooperar) vai levar a milhares de brasileiros princípios que movem o cooperativismo, como a ajuda mútua e o interesse pela comunidade.



Participe com sua cooperativa:

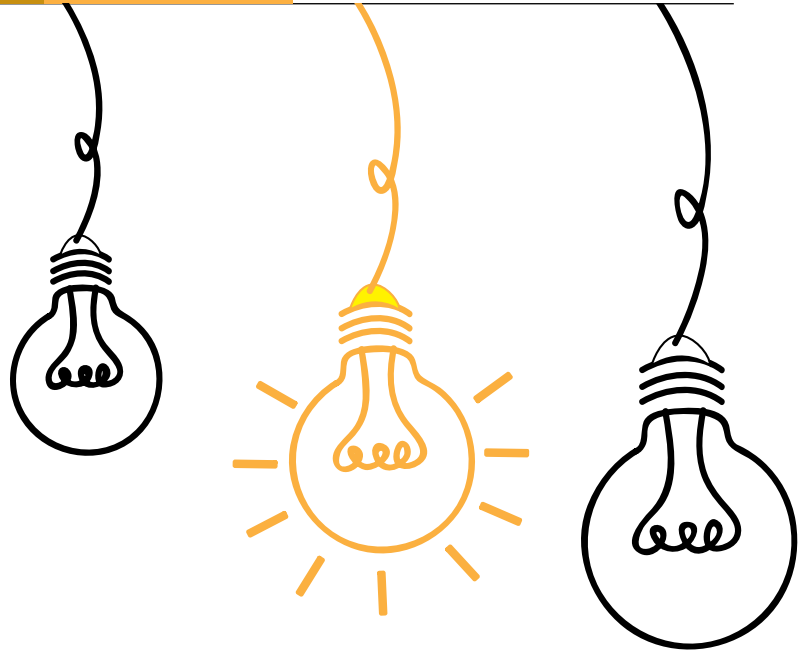
[www.brasilcooperativo.coop.br/diac](http://www.brasilcooperativo.coop.br/diac)



**SistemaOCB**  
CNCOOP - OCB - SESCOOP



# Força de todos



**S**em fazer alarde, milhares de pessoas trabalham com afinco para garantir que a energia elétrica chegue aos mais distantes rincões do Brasil. Cooperativas de eletrificação rural desbravaram obstáculos e reconstruíram conceitos para levar a luz a pequenos municípios que, após anos isolados, hoje alcançam projeção regional e nacional.

Além de gerar renda e desenvolvimento aos associados, o cooperativismo que leva energia ao interior rompe décadas de atraso. Na contramão do êxodo rural, cresce o número de jovens que buscam a capacitação para atuar no campo. Os benefícios são visíveis: descentralizando-se a concorrência, há espaço para todo mundo crescer.

O momento sinaliza horizontes abertos para a força jovem no cooperativismo. Filhos de pequenos produtores rurais estão cada vez mais focados na capacitação para atuar em suas regiões natais. Ganham os jovens, com a expansão dos cursos superiores voltados ao meio rural, e ganha a comunidade, que aumenta a participação no movimento cooperativista.

Nesta edição, a *Saber Cooperar* traz bons exemplos do engajamento das novas gerações no cooperativismo. Esse também

foi o caminho seguido por seu Juca da Quita. Atualmente com 90 anos, ele lembra o papel fundamental que teve no desenvolvimento de sua região, ao criar a Cooperativa Agropecuária Mista de Piracanjuba, a Coapil, da qual até hoje é associado.

A presença feminina também ganha destaque no cenário das cooperativas brasileiras. Do sul ao norte do País, as mulheres fortalecem os princípios cooperativistas ao tomar a frente de instituições de crédito, transporte, educação e outros ramos.

A entrevista principal traz a presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ICA, na sigla original), Pauline Green. Ela fala sobre a mudança da logomarca mundial do cooperativismo.

Ainda nesta edição, aproveite para saborear mais uma crônica de Roberto Rodrigues, que, desta vez, empresta seu olhar arguto à narrativa de uma curiosa viagem à Europa com um grupo de 30 líderes cooperativistas.

Boa leitura.

**Márcio Lopes de Freitas**

Presidente do Sistema OCB



**SistemaOCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 13 • MAR./ABR. 2014

ISSN 2317-5109

#### CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

#### Representantes do Executivo

##### Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

##### Ministério da Fazenda

Francisco Erisma Oliveira Albuquerque – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

##### Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

##### Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

João Batista Ferri de Oliveira – Titular

##### Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

#### REPRESENTANTES DA OCB

##### Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

##### Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

##### Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

##### Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

#### Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

#### CONSELHO FISCAL

##### Representantes do Executivo

##### Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrijo Primo – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

##### Ministério da Fazenda

Márcio Nahas Ribeiro – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

##### Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampin – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

##### Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

Gilcimar Barros Pureza – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasini – Suplente

#### Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

#### Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Renato Nobile – Superintendente

#### Gerência Geral OCB

Tânia Zanella

#### Gerência Geral SESCOOP

Karla Oliveira

## SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, instituição privada e composta por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** - órgão máximo de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** - entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** - integrante do "Sistema S", responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



#### Gerência de Comunicação

Daniela Lemke

#### Conselho Editorial

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Maria Helena Varnier Manhães, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

#### Jornalista responsável

Gabriela Prado (DRT/DF-6882)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final  
Grupo Informe - Comunicação Integrada

#### Edição

Chico Neto  
com Gabriela Prado

#### Reportagem

Ana Cristina Vilela, Dijanira Goulart e Viviane Marques  
Colaborou Gisele James

#### Diagramação

Chica Magalhães e Vanessa Farias

#### Versão digital

Diego Soares

#### Fotografia

Flora Egécia

#### Capa / Ilustração

Cicero

#### Revisão

Beth Nardelli

#### Tiragem

12 mil exemplares

#### Impressão

Gráfica Brasil

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

**Endereço:** Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco 'T' • Brasília-DF (Brasil)  
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936



06

**CONEXÃO  
COOPERATIVA**

Acompanhe comentários de lideranças públicas sobre o cooperativismo

08

**ENTREVISTA**

Pauline Green, presidente da Aliança Cooperativa Internacional, fala sobre a nova logomarca



14

**CAPA**

No interior do RS, produção é incrementada graças às cooperativas de eletrificação



SUMÁRIO

22

**ESPECIAL**

Cooperativismo aumenta a representatividade no Congresso Nacional, prova de que o modelo de gestão é exemplar

26

**BOAS PRÁTICAS**

Incorporações trazem melhorias a todos. No caso das cooperativas de crédito, representam alternativa aos bancos



30

**NOSSO BRASIL**

Aumenta o número de jovens que, após a formação, voltam ao campo e investem em melhoramentos

34

**EDUCAÇÃO**

Vencedores do Prêmio Cooperjovem viajam a Nova Petrópolis, berço do cooperativismo de crédito no Brasil

38

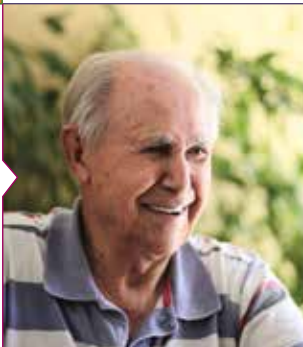
**BEM-ESTAR**

Gentileza, bom humor e respeito são princípios básicos para conservar a harmonia no ambiente de trabalho

42

**COOPERANDO**

Com olhar atento e proatividade, mulheres cooperativistas colaboram para otimizar o segmento



46

**PERSONAGEM**

Aos 90 anos, seu Juca da Quita é hoje uma referência ao desenvolvimento de Piracanjuba



51

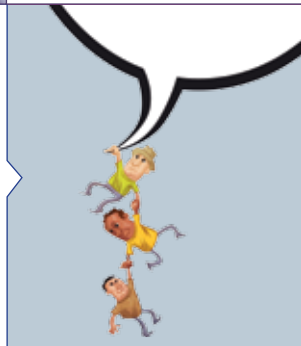
**FIQUE DE OLHO**

Acompanhe as principais novidades do meio cooperativista, como lançamento de livros e eventos

52

**ARTIGO**

Antônio Heberlé, pesquisador da Embrapa, fala sobre a comunicação para o desenvolvimento



54

**MEMÓRIAS**

Roberto Rodrigues, com estilo bem-humorado, relata uma viagem à Europa com líderes cooperativistas



Os dados levantados na primeira edição do ICAgro chamam a atenção, alguns em especial, como a importância das cooperativas no agronegócio brasileiro. Dos produtores rurais que participaram do estudo, 84% apontaram a união como ponto determinante no processo produtivo. Além disso, eles se mostram otimistas em tudo que dependa diretamente deles, do seu esforço, da sua eficiência. ”

**PAULO SKAF,**  
presidente da Fiesp



Junior Ruiz

“ Há nessa empreitada uma arte de cooperar que exige da mulher e do homem virtudes: espírito de desprendimento e vontade de partilha; persistência dedicada sem inflexibilidade de posições; procura de harmonia sem abrir mão da sinceridade. ”

**MÁRIO SÉRGIO CORTELLA,**  
escritor e filósofo com mestrado em educação pela PUC-SP

“ O exemplo é o único argumento inabalável de um líder. Se quisermos um cooperativismo protagonista e perene, teremos de acentuar a coerência entre o que advogamos e o que praticamos. Daí que, agindo de acordo com o que pregamos, temos de ouvir mais e opinar menos; sobrepor o interesse coletivo ao individual; assumir as responsabilidades e não transferi-las; ir ao encontro dos associados e de seus representantes e não lhes impor o ônus de reivindicar... enfim, servir à causa e não nos servirmos dela. ”

**ÊNIO MEINEN,**  
diretor de Operações do Bancoob

“No Ano da Agricultura Familiar, o nosso cooperativismo continua em destaque. A ligação dos empreendedores rurais familiares com as cooperativas é muito forte. Grande parte dos agricultores associados tem um perfil familiar, com propriedades de, no máximo, 50 hectares. Estamos falando de produtores brasileiros que têm no campo uma história de vida e de dedicação.”

**MÁRCIO LOPES DE FREITAS,**  
presidente do Sistema OCB



**NÃO SE ESCONDAM  
ATRÁS DE RESPOSTAS  
COMO ‘NÃO TIVEMOS  
OPORTUNIDADES’.  
ISSO NÃO É VERDADE,  
DEVEMOS CORRER  
ATRÁS DE NOSSOS  
SONHOS.”**

**FELIPE SCOLARI,**  
técnico, durante palestra realizada no  
Instituto Brasiliense de Direito Público  
(IDP)





# Cooperativas mundo afora



Cooperar é saber abrir os braços e ampliar constantemente o raio de colaboração, multiplicando conhecimentos e contribuindo para o bem-estar geral. Fundamentado nesse princípio, o cooperativismo expande sua ação e atravessa fronteiras, estabelecendo uma identidade universal. É o que defende Pauline Green, presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ICA, na sigla original), ao criar **a nova marca das cooperativas**. Nesta entrevista, ela fala sobre a inovação e explica como foi elaborado o *blueprint*, o projeto com as metas e ações para a Década do Cooperativismo. A ideia de unificar o símbolo cooperativista é firmar conceitos importantes, como sustentabilidade, solidez e rentabilidade - o que destaca o segmento com a devida representatividade a que ele faz jus.



*Vivemos em um mundo no qual tudo muda rápido e devemos ter certeza de que nossa presença é distinta e honesta. »*

## **O que motivou a criação da nova marca da Aliança Cooperativa Internacional?**

A nova marca é o resultado direto do Ano Internacional das Cooperativas (2012) e do amplo uso da logomarca e do slogan das Nações Unidas criados para comemorar a data por cooperativas de diversos setores, idiomas e culturas. Muitas organizações que integram a Aliança Internacional comentaram, na ocasião, sobre o significado de uma identidade comum e compartilhada pelo movimento em todo o mundo, abordando a coesão que isso criou. Assim surgiu a ideia de criar a marca única para o cooperativismo mundial. O Comitê Global de Comunicação da Aliança promoveu um processo mundial de licitação a pedido de nosso conselho diretor, ao qual foi recomendado um grupo com a participação de três cooperativas: a principal, do Reino Unido; uma cooperativa de *designers* chamada Calverts, com apoio das especialistas em imagem e mensagem Guerrini Design Island, da Argentina, e Brand Out Loud, dos Países Baixos. Todo o processo levou pouco menos de um ano até o lançamento da nova marca, na Assembleia Geral, na Cidade do Cabo (África do Sul), no início de novembro de 2013.







**De que forma o Plano de Trabalho para uma Década do Cooperativismo, conforme especificado no *blueprint*, vai influenciar o futuro das cooperativas em todo o mundo?**

O processo aconteceu de forma participativa. O conselho da Aliança (composto por 22 representantes, entre eles Eudes Aquino, do Brasil) decidiu, no início de 2012, buscar um representante de uma organização cooperativa de cada região. Escolhemos quatro de comprovado sucesso e que fossem fortes defensores do modelo cooperativista. Então, asseguramos um acordo para ter como membros renomados representantes das equipes Desjardins (Canadá), The Co-operative Group (Reino Unido), Co-operative Insurance Company (Quênia) e a All China Federation of Supply and Marketing Co-operatives (região da Ásia e do Pacífico). Esse grupo se debruçou sobre quais seriam suas expectativas para as cooperativas nos próximos 25 ou 30 anos, baseando-se no que seria o futuro do movimento global no mesmo período. Após um processo rigoroso de aceitação mundial, agora é trabalho de cada cooperativa olhar para o *blueprint* e perceber como ele pode ser uma ferramenta útil. Muitos movimentos trouxeram seus membros para elaborar um plano específico e implementar o projeto em seus países, e a Aliança espera que a ideia floresça em todo o mundo. Estamos muito empolgados com o interesse pelo *blueprint*. Nosso website traz traduções do texto em vários idiomas, uma cortesia para nossos

membros. Governos, políticos e órgãos globais comentam o texto. Um deles contou que está usando o material para o planejamento de sua política nacional. Estamos confiantes que o *blueprint* está capturando a criatividade do mundo cooperativo e, cada vez mais, as autoridades públicas.

**Quais são os objetivos da ICA com a implementação mundial do *blueprint*, da logomarca e da adoção do domínio *coop*?**

O *blueprint* foi criado para oferecer uma visão e direção aos membros, para ajudá-los a se concentrar nos cinco temas nos quais se reúnem as questões centrais que, acreditamos, podem conduzir o crescimento da família de empresas cooperativistas ao redor do mundo. Participação e Sustentabilidade, o primeiro e o segundo temas, são vistos como nossos pontos fortes, e as iniciativas do *blueprint* existem para nos ajudar a desenvolver e melhorar esses identificadores únicos aos olhos do público. Identidade é o terceiro tema, e nele procuramos construir nossa coesão e fortalecer nossas mensagens globais. A marca é a primeira e principal ação desse trabalho. Acreditamos que o quarto e o quinto temas, Arcabouço legal e Capital, sejam os principais elementos para sustentar nosso crescimento. A nova marca está aparecendo ao lado do nome do domínio *coop*. Esperamos que todos os que acessarem o site, num primeiro momento, registrem o uso da marca e, em seguida, obtenham o domínio *coop*, caso ainda não o utilizem. Os dois elementos,



*À medida que os países latino-americanos tomarem seus lugares como atores principais na economia e política mundiais, como o Brasil está fazendo, será crucial que o movimento cooperativista esteja visível e unido, se quiser influenciar políticas governamentais.* ”

reunidos, identificarão em todas as formas de comunicação o seu pertencimento à família cooperativista global. A marca é um identificador. Para os membros diretos da ICA ou de uma entidade nacional que integre a Aliança, a marca é de uso livre. No entanto, é preciso registrar sua identidade.coop no endereço [www.identidade.coop](http://www.identidade.coop). Assim, a Aliança está apta a verificar sua elegibilidade como uma cooperativa genuína e como membro direto ou indireto.

### **Como tem sido o retorno das cooperativas quanto à nova marca?**

Esperamos que todas as cooperativas desejem usar a marca, assim como utilizaram a logo das Nações Unidas para demonstrar orgulho de pertencer a uma família global. A marca pode ser aplicada em publicações, embalagens, meios de transporte, pôsteres, anúncios, notas fiscais, papéis timbrados etc. Não há a intenção de substituir a marca de uma cooperativa, mas adicionar e melhorá-la, dando à instituição um contexto global. É semelhante à mundialmente reconhecida logomarca de comércio justo. Os únicos organismos nos quais a mudança de marca está sendo feita, como parte integrante de sua identidade central, são os próprios órgãos subsidiários da Aliança Cooperativa Internacional. A nova identidade está visível no nosso website. É simples, *clean* e pode ser utilizada sozinha ou com uma escolha de palavras incluindo o slogan que as Nações Unidas nos delegaram: “Organizações cooperativas constroem um mundo

melhor”. O domínio.coop é o identificador que nos distingue na web. Esperamos que todas as cooperativas adotem e mantenham um domínio.coop. Muitas das nossas maiores e mais icônicas organizações já o usam há alguns anos. Para aqueles que já têm um endereço web bem estabelecido, é perfeitamente possível adquirir um domínio.coop e simplesmente direcioná-lo para seu endereço atual. Dessa forma, a transferência para a sua identidade.coop ocorre sem problemas. Você não precisa ter medo de prejudicar o seu negócio ou de interromper o tráfego de e-mails. É fácil e traz uma identidade diferenciada. Com muitos domínios prestes a serem liberados pelo órgão regulador mundial, torna-se ainda mais essencial que você diga quem você é na web, agora.

### **Quantas organizações cooperativistas efetivamente adotaram o blueprint? Qual a expectativa da ICA por novas adesões em 2014?**

O *blueprint* foi adotado pela Assembleia Geral de Membros, em Manchester, em novembro de 2012. Portanto, não é necessário que nenhum país ou organização faça isso novamente, de maneira formal. O que esperamos é que todas as cooperativas vejam como podem implementar o conteúdo do *blueprint*. No website da ACI, há vários documentos, ideias e iniciativas desenvolvidas para apoiar as cooperativas. Agora, estamos disponibilizando informações apenas em inglês, espanhol e francês. Traduções desses documentos para outros idiomas, caso

os demais membros possam nos auxiliar nesse processo, são bem-vindas, e seremos muito gratos. Por conta da marca, posso dizer que o website da identidade.coop esteve em evidência no fim do ano passado. No início de janeiro deste ano, 200 cooperativas haviam garantido a licença para usar a marca, sendo que 120 delas tinham, previamente, adquirido o domínio.coop. Aproximadamente 60 foram em frente para obter o endereço de domínio. É uma evidência de que as cooperativas estão percebendo a importância de uma identidade comum, e, claro, isso é muito encorajador para nós. Você deve notar que a palavra “coop” do domínio foi modificada para que a logo incorporasse a nova marca. Estamos nos esforçando para ter uma abordagem de marketing totalmente coerente, e esperamos que os membros apreciem o que fizemos agora para tornar mais fácil a eles proteger a sua identidade no futuro.

### **Quais os principais desafios que o cooperativismo enfrenta atualmente?**

O movimento se depara com muitos desafios. O primeiro é o estado da economia mundial. Estão crescendo o desemprego e a disparidade entre ricos e pobres. A demanda de consumo caiu em boa parte do mundo e o crescimento de muitos países desenvolvidos ainda está em um nível mais baixo. Mesmo nos países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), as exportações e, conseqüentemente, o crescimento são afetados pela queda de demanda na União Euro-



peia, nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos. As cooperativas podem ser tão afetadas pelas flutuações da economia global como qualquer outra empresa de bens de consumo. Vimos instabilidade política e econômica em muitos países nos últimos anos, desde Los Indignados, na Espanha, ao Occupy (surgido em Wall Street, Nova York), que se espalhou pelo mundo, da Primavera Árabe à Ucrânia e ao Brasil. Então, num mundo em que há um colapso de confiança nas instituições econômicas, nos políticos e mesmo nas instituições religiosas, assegurar-se de que nossas organizações se mantêm fiéis aos princípios e valores cooperativistas e promovem seus diferenciais é fundamental para seu crescimento e sucesso daqui para frente. Vivemos em um mundo no qual tudo muda rápido e devemos ter certeza de que nossa presença é distinta e honesta. Internamente, o movimento precisa manter a coesão que descobrimos em 2012, graças ao Ano Internacional, que nos impulsionou para esse caminho. Por isso, acreditamos no que a marca, o domínio *.coop* e o *blueprint* podem fazer por nós. Para sermos bem-sucedidos, temos que fazer isso juntos.

**Como é o trabalho da Aliança Cooperativa Internacional para fortalecer o sistema cooperativista nos países-membros?**

A Aliança Cooperativa Internacional é um órgão de representação global, com escritórios regionais em todo o mundo e oito principais unidades de negócio: seguro, serviços bancários, consumo, ha-



*Num mundo em que há um colapso de confiança nas instituições econômicas, nos políticos e mesmo nas instituições religiosas, assegurar-se de que nossas organizações se mantêm fiéis aos princípios e valores cooperativistas e promovem seus diferenciais é fundamental.* ”

bitação, saúde, agricultura, pesca e cooperativas de trabalho. Juntas, essas partes trabalham para apoiar o desenvolvimento de nossos membros em nível mundial. O escritório global coordena o trabalho da organização como um todo e é responsável pelo trabalho de representação junto a entidades como Nações Unidas, Banco Mundial, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), International Law Office (ILO) etc. Sabemos que estão ocorrendo revisões na lei em muitos países. Também estamos trabalhando com a FAO, sob a inspirada liderança de seu diretor, José Graziano da Silva, para coordenar o crescimento das cooperativas agrícolas na África. E, claro, nosso trabalho com o *blueprint*, a marca e o domínio *.coop* são parte de nosso empenho para dar visibilidade ao movimento no mundo todo. Obviamente, somos o repositório global de informação sobre o movimento, e nossa publicação *The World Co-operative Monitor* é muito citada e usada pela mídia, por políticos e outros formadores de opinião no mundo. Nossos escritórios regionais têm papel importante no direcionamento da agenda política dos países em que o movimento está presente. Tanto o diretor-geral da Aliança, Charles Gould, quanto eu estamos sempre disponíveis para apoiar campanhas nacionais, necessidades legislativas e fazer *lobby* quando requisitados por algum movimento nacional, ao lado dos representantes da região. Nossas unidades de negócio reúnem empresas-chave de um mesmo setor





Divulgação

ao redor do mundo e tentam organizar sinergias empresariais, como internegociação e campanhas compartilhadas, para que novas cooperativas cresçam. Isso é todo um pacote de serviços, e cada movimento nacional aproveita o que precisa e considera útil. A essência do nosso movimento é que ele divide experiência e *expertise*. Se uma cooperativa deseja se iniciar em um novo setor da economia, haverá alguém em algum lugar que já fez isso antes. A Aliança deve ser a primeira referência nesse aconselhamento - a transferência de conhecimento entre cooperativas poupa tempo e problemas, além de oferecer orientação e apoio em estágios iniciais de novas empresas. Tudo isso são recursos inestimáveis pelos quais outros tipos de negócio precisam pagar a consultores e análises empresariais, que estão disponíveis para nós de maneira fácil e quase sempre sem custos.

### **Como a senhora avalia o movimento cooperativista no Brasil e na América Latina?**

A importância dos países da América Latina na economia global e nas instituições políticas está crescendo em influência. É vital, no entan-

to, que o movimento cooperativista nessas regiões esteja forte, visível e unido. Visitei muitos desses países, inclusive o Brasil, várias vezes. Fiquei impressionada com a força das cooperativas individuais que vi. No Brasil, no ano passado, eu experimentei o excelente serviço da Unimed, quando cheguei com um problema no ouvido, após um longo voo procedente de Londres. Foi excelente. É uma cooperativa de 110 mil médicos, atende 19 milhões de famílias brasileiras e tem muito do que se orgulhar. Às vezes, imagino se há unidade suficiente em alguns países. Sei por minha própria experiência, no Reino Unido, que um movimento dividido geralmente não é ouvido pelos representantes do governo, nem conquista boas políticas e iniciativas públicas. Quando me tornei diretora-executiva da Co-operatives UK, o órgão máximo do cooperativismo no Reino Unido, me deparei, por exemplo, com consumidores e trabalhadores das cooperativas que nunca haviam se falado em 100 anos. Uma vez que intermediamos esse contato, o cooperativismo britânico nunca parou, e como resultado muitos trabalhos transversais ocorreram nos últimos 15 anos, com um cres-

cimento da economia cooperativa de 19,6%, entre 2008 e 2011, enquanto a economia britânica teve uma queda de 1,7%. Essa coesão, acredito, precisa ser alcançada em alguns países da América Latina. A união para nós, no Reino Unido, gerou muita criatividade e inovação - e eu sei que esses são dois atributos fortes dos cooperados da América Latina. À medida que os países latino-americanos tomarem seus lugares como atores principais na economia e política mundiais, como o Brasil está fazendo, será crucial que o movimento cooperativista esteja visível e unido, se quiser influenciar políticas governamentais. E isso, o cooperativismo tem de fazer do mesmo jeito que seus governos atuam nas instituições que estão determinando as diretrizes da economia global. Há muito em jogo, e boa parte será demandada pelos movimentos na América Latina nos próximos anos. É importante que vocês estejam prontos. E tenho confiança de que estarão. ■



PARA OBTER A NOVA MARCA MUNDIAL DAS COOPERATIVAS, É PRECISO FAZER O REGISTRO NO SITE [WWW.IDENTITY.COOP](http://WWW.IDENTITY.COOP). O LINK PARA OBTER O DOMÍNIO [WWW.IDENTITY.COOP](http://WWW.IDENTITY.COOP) TEM INFORMAÇÕES EM INGLÊS, ESPANHOL E FRANCÊS.





# Aqui se produz energia

*Cooperativas que atuam no ramo da eletrificação exercem papel fundamental no desenvolvimento de comunidades do interior, contribuindo para diminuir o êxodo rural*



“Mais que energia elétrica, o serviço prestado pela cooperativa é uma forma de manter meu filho perto de mim.” É assim que a cooperada e produtora de leite Delci Kussler avalia os serviços prestados pela Cooperativa de Energia de Ibirubá, no Rio Grande do Sul. “Em nossa propriedade, temos luz e internet, benefícios que favorecem as nossas condições de trabalho e servem como estímulo para que as novas gerações queiram ficar no interior. Meu filho se formou em administração e não precisou procurar trabalho nas grandes capitais. Ele aplica tudo o que aprendeu aqui, e o melhor de tudo isso é poder trabalhar perto dele e do meu marido”, comemora.

Delci e o marido, Nelson Kussler, gerenciam a Agropecuária Sol Nascente com o filho, Daniel, administrador pós-graduado em gestão de negócios. Com a colaboração de 11 funcionários, eles criam cerca de 400 animais que rendem uma média de 5 mil litros de leite por dia. A produção da Agropecuária Sol Nascente é comercializada para empresas brasileiras e do exterior.

As atividades são desenvolvidas por meio de alta tecnologia. Chips instalados nas orelhas dos animais permitem que sejam monitorados 24 horas por dia, por meio de um programa especial. Os dispositivos registram de forma individualizada a produção de leite e o melhor momento para realizar uma inseminação artificial. “A gente trabalha diretamente com os animais no campo, mas todas as informações sobre a produção e o desenvolvimento do animal eu posso acessar de um computador ligado à internet. Esse conforto só é possível devido ao trabalho desenvolvido pela cooperativa”, destaca Delci.

A família Kussler tem uma trajetória importante dentro do cooperativismo. A propriedade pertencia ao pai de Nelson, que a inaugurou em 1952 e, anos



Daniel entre os pais, Delci e Nelson Kussler, destaca os benefícios da cooperativa local de energia elétrica



*Em nossa propriedade, temos luz e internet, benefícios que favorecem as nossas condições de trabalho e servem como estímulo para que as novas gerações fiquem no interior.* ”

**DELCI KUSSLER,**  
proprietária da Agropecuária  
Sol Nascente





mais tarde, em 1971, tornou-se um cooperado, o que levou a luz à propriedade. “Hoje, eu não enxergo a possibilidade de desenvolver o nosso trabalho sem a energia elétrica, principalmente no processo de ordenha automatizada. O serviço que a cooperativa presta é um exemplo de eficiência não apenas na área de distribuição de energia, mas também de atendimento ao cooperado”, define Nelson. Por ter o exemplo do filho em casa, ele acredita que inovações, como a prestação do serviço de internet no campo, colaboram para que ocorra uma diminuição do êxodo rural.

O filho da família Kussler está cursando uma segunda graduação, agora em ciências econômicas. Atualmente, ele cuida da parte administrativa da fazenda. “O trabalho da cooperativa nos ajudou bastante ao levar a internet para o campo. Só assim foi possível trazer para nossa propriedade novas tecnologias e, com isso, alcançar melhores resultados em nossa produção. Tendo essas condições, eu não troco o trabalho no campo por nenhuma oportunidade na cidade”, comenta o jovem.

## TRABALHO REGIONAL

Outro exemplo de benefícios da eletrificação rural viabilizada pelas cooperativas também vem de terras gaúchas, diretamente da Agropecuária Carolina, empreendimento familiar que, localizado em Quinze de Novembro, desde 1988 desenvolve a produção leiteira. O nome da empresa é uma homenagem à tataravó da família, uma das pioneiras a desenvolver atividades agropecuárias na região. Atualmente, trabalham com 84 animais e produzem uma média de 1,2 mil litros de leite por dia. Também cultivam soja, milho e trigo, que, a exemplo do leite, são vendidos nas circunvizinhanças. O líder dessa família, o cooperado Levino Guilherme Ruppenthal, considera que, sem o serviço prestado pela instituição, seria muito difícil desenvolver suas atividades. “Para nossa região, a cooperativa é muito importante, pois sem a energia elétrica que eles nos fornecem seria impossível trabalhar. Hoje a gente precisa de energia para tudo”, afirma.

Casada com Levino, Ane Ruppenthal faz de tudo um pouco,

desde o trato com os animais até o serviço administrativo. A sucessão familiar é um valor cultivado: os dois filhos do casal, Andreia e Henrique, após a formação universitária, optaram por trabalhar no meio rural. Como mãe, Ane sente-se realizada: “Para mim, não há emprego melhor. É muito bom poder trabalhar com a minha família”.

Para Andreia, que é médica veterinária, a permanência no campo foi um processo natural e espontâneo, mas o acesso à energia elétrica favoreceu essa decisão. “Eu optei por dar uma continuidade ao trabalho desenvolvido pelos meus pais e trazer melhorias para a nossa propriedade. É um legado que estamos construindo para gerações futuras”, afirma. Henrique, formado em administração, diz gostar de atuar na área. “Aqui lido com várias coisas, desde o trato com os animais até a parte burocrática do negócio”, conta. “Trabalhando aqui, eu me sinto realizado e não pretendo sair do campo.”

Na mesma cidade, a produtora rural e cooperada Dione Nicolodi gerencia, com o marido, Adriano Nicolodi, a Chácara Pedacinho



Andreia e Henrique entre os pais Ane e Levino Ruppenthal



*Sem a energia elétrica que eles nos fornecem seria impossível trabalhar.* ”

**LEVINO RUPPENTHAL**



A auxiliar de produção Elaine Pereira e a proprietária Dione Nicolodi. Em sua chácara são produzidas 45 espécies de flores e árvores nativas por estação

do Céu, que produz flores e árvores nativas. Dione conta que “pedacinho do céu” é uma forma de exaltar a paixão que eles têm pela atividade rural. A chácara produz 45 espécies por estação e comercializa, mensalmente, mais de 1,5 mil vasos de plantas. Em três estufas, são cultivadas e tratadas mudas que dependem da cooperativa para se desenvolver. “Para nossa produção, a energia elétrica é vital, principalmente durante o inverno, pois trabalhamos com flores e não podemos deixá-las ‘dormir’ cedo. Por isso usamos luz artificial durante algumas horas da noite”, explica. Segundo Dione, dessa forma, é possível “aumentar o dia” das espécies cultivadas.

A produtora relata que, além da energia elétrica, a internet disponibilizada pela cooperativa facilitou a gestão do negócio - todas as compras de materiais utilizados na chácara e as vendas de parte da produção, por exemplo, são feitas pela rede. A outra parte é vendida em uma praça pública. Apesar de



*No inverno,  
não podemos  
deixar as flores  
'dormir' cedo,  
por isso usamos  
luz artificial  
durante algumas  
horas da noite. ”*

**DIONE NICOLODI,**  
proprietária da Chácara  
Pedacinho do Céu

pequena, a propriedade também incentiva a permanência no campo e a geração de renda na região.

A auxiliar de produção Elaine Pereira, há cerca de oito meses, foi contratada para ajudar o casal. Satisfeita por ter o privilégio de trabalhar perto de onde mora, ela desempenha as funções de adubar, molhar, colher e vender as plantas. “Não aceitaria uma proposta de trabalho na cidade”, diz. “Aqui eu tenho qualidade de vida. É como uma terapia diária e que só me faz bem.”

E o negócio não para de crescer. Dione comemora suas conquistas e, por meio de uma autorização do Ministério da Agricultura que permite a ampliação do negócio, vai abrir uma floricultura em Ibirubá, outro município do estado. Com o documento, a propriedade da família está apta a trabalhar com agricultura orgânica. A partir deste ano, a Chácara Pedacinho do Céu também vai produzir hortaliças, e isso significa mais emprego para a comunidade.

## ABRANGÊNCIA

As cooperativas de eletrificação têm como objetivo fornecer serviços de energia elétrica em lugares aonde o Estado não chega. Esse fornecimento pode ser feito por repasse de concessionárias ou por geração própria. No Rio Grande do Sul, a Cooperativa de Energia de Ibirubá é uma referência em serviços de eletrificação em áreas rurais e urbanas. Atualmente, com o apoio de 257 colaboradores, atende mais de 48 mil cooperados, em 72 municípios gaúchos.





Fotos: Eliseu Feiten

Marcos Tauchert, eletricista da cooperativa, explica que os equipamentos funcionam nos moldes de uma usina comum, mas o diferencial é o baixo impacto ambiental e social. “A nossa intenção é levar energia limpa e com qualidade aos cooperados, preservando e respeitando o meio ambiente e as comunidades locais”, ressalta. Ele explica ainda que toda energia gerada pelas centrais hidrelétricas da Coprel é direcionada para o Sistema Interligado Nacional (SIN), que, por nível de prioridade, pode abastecer qualquer região do país.

## ACESSO À INTERNET

Segundo o presidente da Coprel, Jânio Stefanello, além de distribuir energia, a cooperativa tem como meta levar desenvolvimento e renda onde atua. “Eu acho que nós estamos fazendo algo que é importante, proporcionar oportunidades de crescimento a vários municípios da região, principalmente aos pequenos”, comenta.

A pedido dos cooperados, os serviços de internet chegaram ao local por meio da Coprel Telecom, coliga-





da à Coprel Geração e Desenvolvimento. “Em virtude da popularização do uso da internet, a gente percebe uma pressão muito forte, principalmente por parte das mulheres, pedindo a chegada da rede às suas propriedades. Elas consideram a internet um atrativo para manter seus filhos no interior e perto delas”, conta. Stefanello comenta ainda que, para ampliar a prestação desse tipo de serviço, a cooperativa busca mais financiamentos, além da parceria já firmada com a Telebrás.

Para atender às demandas dos cooperados, a Coprel disponibiliza um canal de comunicação denominado Discoprel. O setor conta com diversos softwares desenvolvidos especialmente para esse tipo de atendimento. Outro destaque é o acompanhamento - de hora em hora - das condições meteorológicas da região. O objetivo é antecipar possíveis demandas e, assim, evitar a interrupção dos serviços.

A instituição criou fundos com seus excedentes, que, com a aprovação dos cooperados, são destinados a novas atividades, caso dos projetos sociais - em especial, o auxílio pecúlio, quando ocorre o falecimento do associado ou do cônjuge; o Coprel na escola, projeto educacional itinerante que distribui material didático em parceria com o Sescop/RS; e o Coprel Ecologia, que, realizado juntamente com as prefeituras das localidades de atuação da cooperativa, distribui mudas de árvores nativas entre os produtores rurais.

Stefanello considera a ausência de um marco regulatório para as cooperativas de infraestrutura

um entrave. “Hoje nós precisamos de uma legislação específica para as cooperativas do ramo de eletrificação, bem como que o Ministério de Minas e Energia e a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) reconheçam que é preciso um maior período de adaptação das cooperativas para o mercado regulado. Existem grandes diferenças entre uma concessionária e as cooperativas, que atuam em mercados mais rarefeitos e de baixa atratividade econômica.”

No entender do presidente da cooperativa de Ibirubá, o papel do poder público é importante para o futuro das cooperativas de eletrificação. “O governo fez um grande trabalho de inclusão social, que foi o programa Luz para Todos. O desafio é continuar na busca de políticas públicas que tragam ainda mais incentivos e condições para geração de renda nas comunidades.” Ele afirma ainda que as cooperativas de infraestrutura estão buscando o reconhecimento, junto ao governo, ao Congresso Nacional e à sociedade em geral, da importância dos serviços prestados por elas para o desenvolvimento do setor produtivo em todo o país.

## DOURADOS

Em Mato Grosso do Sul, a responsável pela distribuição de energia elétrica em área rural é a Cooperativa de Energização e Desenvolvimento Rural da Grande Dourados (Cergrand). Fundada em 1976, a cooperativa trabalha na construção de redes elétricas e na distribuição de energia, oferecendo assistência e manutenção



*Estamos fazendo algo que é importante, proporcionar oportunidades de crescimento a vários municípios da região, principalmente aos pequenos.* ”

**JÂNIO STEFANELLO,**  
presidente da Coprel





aos seus 5,4 mil cooperados. Atualmente atende mais de 95% de propriedades rurais eletrificadas da região. Com uma rede de aproximadamente 3 mil km de extensão, a Cergrand conta com 11 pontos de alimentação ligados a uma tensão de 13.800V. A cooperativa distribui energia elétrica rural em Dourados, Fátima do Sul, Vicentina, Deodápolis, Glória de Dourados, Jateí, Caarapó, Juti, Itaporã, Douradina e Rio Brillhante.

O presidente da Cergrand, Jorge Luiz Barbosa, atenta para a importância da cooperativa no ramo de infraestrutura: “A eletrificação rural tem como reflexos imediatos a melhoria de vida e trabalho do homem do campo. Com a energia elétrica, é possível diversificar as atividades rurais e favorecer o desenvolvimento regional e do agronegócio”.

## ENERGIA COOPERATIVISTA

O cooperativismo brasileiro se divide em 13 ramos. O da infraestrutura engloba as cooperativas de eletrificação, telefonia e desenvolvimento rural. Atualmente, a maioria das cooperativas deste ramo trabalha na distribuição de energia elétrica, predominantemente na zona rural. Hoje existem 66 cooperativas da modalidade distribuídas entre seis estados da federação, atendendo mais de 500 mil consumidores.

Segundo o presidente da Federação da Cooperativas de Eletrificação Rural do Estado de São Paulo (Fecoesp), Danilo Pasin, a atuação das cooperativas do ramo infraestrutura favorece vários aspectos do cotidiano do cooperado, desde comodidades no lar até a melhoria das condições de desenvolvimento econômico dos produtores rurais. “O ramo infraestrutura, desde a sua implantação, promove o desenvolvimento rural e leva energia a áreas em que as concessionárias não têm interesse em atuar”, endossa.

Pasin explica que, por força de lei, hoje as cooperativas são reguladas pela Aneel. Segundo ele, esta não é a condição ideal. “A agência faz as mesmas exigências das concessionárias de maior porte para as cooperativas e não leva em consideração as peculiaridades do setor”, critica. “Acredito que tais exigências podem inviabilizar a atuação de algumas cooperativas.” Para o presidente da Fecoesp, é importante a criação de uma legislação específica, a exemplo do que já acontece em outros ramos, como crédito e trabalho.



Flora Egécia



## OS DESAFIOS

Na opinião de João Paulo Koslovski, presidente da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar) e diretor da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o ramo de infraestrutura tem um papel essencial na geração e distribuição de energia, atendendo milhares de cooperados em suas diferentes demandas de consumo. Ele lembra que, em muitas regiões, o pioneirismo das cooperativas do setor foi importante para dar suporte ao desenvolvimento das atividades dos cooperados. “Muitas vezes, as empresas concessionárias não tinham interesse em atender determinadas regiões, pelo baixo retorno financeiro. Coube então às cooperativas cumprir um papel fundamental, garantindo eletrificação para brasileiros que não tinham acesso a esse serviço básico e vital”, relata.

Segundo Koslovski, o grande desafio das cooperativas que trabalham com eletrificação é conseguir, na Aneel, o reconhecimento de suas particularidades. Isso significa legitimar a cooperativa como entidade do cooperado e com a função de prestar serviços ao seu usuário. O presidente da Ocepar destaca ainda que o Sistema OCB, por meio do Conselho Especializado do Ramo Infraestrutura, vem trabalhando com autoridades federais, ministérios, Aneel, Congresso Nacional, entre outras entidades, a fim de reconhecer o marco regulatório para as cooperativas do setor. Tudo isso, respeitando as particularidades da Lei 5.764/1971 e todas as regras, normas, princípios e valores

que norteiam as ações cooperativistas. “Temos absoluta certeza de que este reconhecimento vai fortalecer a ação das cooperativas de eletrificação e ampliar significativamente o seu importante papel no desenvolvimento dos cooperados e do país”, avalia.

Já o diretor do Departamento de Gestão do Setor Elétrico do Ministério de Minas e Energia (MME), Marcos Franco Moreira, acredita que, no ramo de energia elétrica, as cooperativas deixaram de ser atividade rural e se transformaram em minidistribuidoras, contemplando todo tipo de atividade. Em sua avaliação, as cooperativas desse ramo superaram o papel de fomento à atividade rural e passaram a ser “comerciantes de energia elétrica”. Para Moreira, os custos são maiores em relação aos instituídos pelas concessionárias de distribuição de energia elétrica. “Hoje, as principais ações de apoio do governo em relação a esse ramo estão ligadas à concessão de prazo para que as cooperativas se adaptem a menores custos de serviço”, analisa.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a Aneel considera: “Como ente regulador do setor elétrico no Brasil, a agência tem a missão de proporcionar condições favoráveis para que o mercado de energia elétrica se desenvolva com equilíbrio entre os agentes e em benefício da sociedade. Isso se dá, na prática, pela regulamentação, fiscalização e mediação de conflitos no âmbito do setor elétrico brasileiro”.

Ainda de acordo com nota emitida pela assessoria, a agência reguladora afirma que, na qualidade



Divulgação



*Agora, o desafio do país é praticar uma tarifa de energia mais acessível à sociedade.* ”

**JOÃO PAULO KOSLOVSKI**,  
presidente da Ocepar

de “promotora do desenvolvimento social”, tem hoje como maior desafio “alcançar o equilíbrio, principalmente entre as expectativas dos agentes e dos consumidores”. A empresa se declara focada em dois pontos principais: “a busca pela qualidade e a modicidade tarifária”. A agenda regulatória para o período de 2014-2015 pode ser conferida, na íntegra, no portal da Aneel: [www.aneel.gov.br](http://www.aneel.gov.br). ■



VEJA MAIS  
NA REVISTA DIGITAL

# O cooperativismo no Congresso Nacional

*Para zelar pela manutenção dos direitos do cooperativismo, a representação do setor precisa estar sempre fortalecida junto às autoridades legislativas e governamentais*

**C**onsolidado como uma forma ideal de organização, o cooperativismo ganha espaço no Congresso. A OCB firma a representação político-institucional com a meta de trabalhar na representação política do cooperativismo junto aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, evidenciando as peculiaridades do setor. É o que ajuda a garantir marcos regulatórios e normativos e políticas públicas em sintonia com a realidade das cooperativas brasileiras. Sem esta atuação constante, a legislação pode gerar não apenas distorções e prejuízos, mas também um real esvaziamento da atividade cooperativista.

Promover um ambiente favorável ao desenvolvimento do cooperativismo é a meta da ação de representatividade cooperativista. Para tanto, equipes focadas desenvolvem um trabalho técnico e transparen-







Lançamento da *Agenda Legislativa do Cooperativismo*: evento reuniu lideranças cooperativistas e parlamentares em torno da oitava edição do material, que contempla as principais proposições do setor atualmente em tramitação



#### Cobrança dupla

A bitributação ocorre quando são aplicadas taxas em dois momentos: no repasse da produção do cooperado à cooperativa, como se fosse uma venda; e, novamente, quando a cooperativa, de fato, comercializa o produto.

te com autoridades dos Três Poderes, levando as especificidades do cooperativismo e suas demandas. Entre as várias ferramentas utilizadas pela OCB para marcar presença, está a *Agenda Legislativa do Cooperativismo*, lançada em 25 de março com grande repercussão. A publicação auxilia o acompanhamento de proposições em tramitação no Congresso Nacional. Por meio da inserção de representantes da OCB nos fóruns de discussão e reuniões, é possível ampliar as informações sobre o modelo cooperativista.

Atualmente, são acompanhadas 500 proposições de interesse do setor cooperativista, estando as de maior impacto contidas na agenda. Uma das mais importantes, que figurará novamente este ano nas páginas da publicação, é a discussão sobre o adequado tratamento tributário ao ato cooperativo (PLP

271/2005, do deputado Luiz Carlos Hauly/PR). A medida é de interesse geral, pois, em vários pontos do país, ocorre a **bitributação**, um dos grandes impasses do cooperativismo. Durante a cerimônia de lançamento da *Agenda Legislativa*, o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, destacou: “Nosso objetivo é garantir que não sejamos tributados duas vezes - a cooperativa, como pessoa jurídica, e o cooperado, como pessoa física. Este é um exemplo das muitas proposições de interesse do cooperativismo que estão em tramitação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. As principais delas, cerca de 60, estão reunidas nesta oitava edição da *Agenda Legislativa do Cooperativismo*, um guia para nossa atuação no Congresso Nacional”.

Ao encaminhar propostas ao Congresso, discutir com o governo



federal e acompanhar as pautas do Legislativo e do Executivo, assegurando a inserção correta das cooperativas na legislação. Na base está o cooperado, desenvolvendo sua atividade no campo, na saúde, na educação ou em outros ramos. Na ponta está a OCB, garantindo que os normativos atendam às peculiaridades e às demandas das cooperativas e, conseqüentemente, do cooperado.

## CONSELHOS

Todo esse trabalho é feito por meio de um planejamento estratégico da entidade, em um processo participativo e sistêmico, envolvendo as unidades estaduais (UE) do Sistema OCB, os Conselhos Nacionais dos Ramos, a diretoria e as equipes técnicas da organização. Tudo começa na base, nas UE, por meio dos 11 conselhos consultivos, que têm o papel de levar informações, dificuldades e demandas vindas diretamente do cooperado para a pauta. Esses colegiados são formados por representantes dos diversos ramos, de vários estados, e têm o acompanhamento dos diretores da OCB, que participam das discussões. Nos debates, são apontadas as prioridades e definida a melhor estratégia de atuação. O segundo passo é a definição das estratégias pela OCB.

A partir daí, são feitos estudos técnicos de impacto nos negócios e traçadas estratégias de atuação. É analisado qual o parlamentar mais indicado para tratar do tema, seja como relator de um projeto ou atuando em uma frente de mobilização. O acompanhamento da tra-

mitação no Congresso Nacional e nas discussões do Executivo segue até que haja um desfecho.

Em 2013, foram monitoradas 20 medidas provisórias de interesse do setor, com inclusões favoráveis. Trata-se de proposições com um processo de tramitação célere, que exige atenção e uma rápida atuação do órgão de representação, visando garantir um ambiente favorável ao segmento que representa. Um dos exemplos é a MPV 582/2012, aprovada em fevereiro de 2013, reduzindo de 40% para 10% a base de cálculo do Imposto de Renda para os transportadores rodoviários de cargas autônomos. Uma economia anual para as cooperativas de transporte de carga, estimada em R\$ 700 milhões, é por conta desta única ação.

Ainda no Congresso Nacional, a OCB, conforme explica Fabíola Motta, da Gerência de Relações Institucionais, mobiliza a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), uma entidade suprapartidária com 233 deputados e 30 senadores - parlamentares comprometidos com o setor, com a bandeira cooperativista. O trabalho da Frencoop é contribuir para o aperfeiçoamento do marco regulatório de interesse do sistema cooperativista brasileiro, a partir de uma atuação articulada e transparente e a OCB está sempre presente em mais uma de suas constantes ações.

Mas o trabalho não para por aí. Como representante do setor no país, a OCB tem o dever de prestar contas de todas as suas ações frente ao Executivo e ao Legislati-



Andréia Matiere



*As cooperativas têm um papel determinante na economia do Brasil e, ainda, exercem uma função social importante, de inclusão.* ”

**MÁRCIO LOPES DE FREITAS**  
presidente da OCB

vo, o que é feito de forma transparente. Para manter as unidades estaduais e as cooperativas devidamente informadas das ações e avanços ocorridos, uma pauta é semanalmente enviada contendo os temas prioritários em discussão no Congresso e os resultados obtidos. São elaborados, ainda, relatórios mensais apresentando os resultados do período por ramos e assunto.

## PESQUISA

Com a intenção de mapear novos espaços de atuação, como subsídio às estratégias adotadas para dialogar com o Parlamento, a OCB realizou uma consulta a parlamentares para identificar seus conhecimentos sobre o movimento cooperativista e sua atuação no Legislativo. A **pesquisa** “O que os parlamentares pensam sobre o cooperativismo?”, elaborada em agosto de 2013, obteve a resposta de 223 dos 513 deputados e de 23 dos 81 senadores.

Os resultados demonstram, por exemplo, que a representatividade do setor no Congresso Nacional é de 23% do total dos parlamentares. O índice é superior à porcentagem de cadeiras do maior partido da Câmara, que detém 17,1%. “Nós somos um movimento suprapartidário, que apoia parlamentares realmente comprometidos com as bandeiras do cooperativismo brasileiro, e isso faz parte do processo democrático, é um momento de exercermos na prática um dos nossos direitos como cidadãos, o direito ao voto”, acentua o presidente da OCB. “Nada mais legítimo, afinal as cooperativas têm um papel determinante na economia do Brasil e, ainda, exercem uma função social extremamente importante, de inclusão. A pesquisa também mostra a percepção dos políticos sobre a atuação do setor cooperativista como movimento organizado, centralizado nas ações de representação coordenadas pela OCB. Os dados indicam que estamos no caminho certo.”

Entre os deputados, 25% deles, ou um em cada quatro, são associados a uma cooperativa, número significativamente superior ao de cooperados na população brasileira (5%). A imagem do setor é positiva para 90% dos parlamentares. Mesmo assim, as ações e o conhecimento profundo do sistema são baixos. Apenas 21% dos entrevistados disseram ter alto grau de conhecimento do cooperativismo. No entanto, 68% estão a par das ações do Sistema OCB e 71% conhecem a *Agenda Legislativa do Cooperativismo*. ■



**90%**

Porcentagem dos parlamentares que possuem imagem positiva do cooperativismo



**23%**

Índice de deputados e senadores que representam o cooperativismo no Congresso Nacional



**68%**

Total de parlamentares que disseram conhecer as ações do Sistema OCB no Congresso



**21%**

Porcentagem de parlamentares com alto grau de conhecimento do cooperativismo



**8,5**

Média de notas atribuídas à credibilidade do Sistema OCB



**71%**

Quantidade de parlamentares que conhecem a Agenda Legislativa do Cooperativismo



VEJA A MATÉRIA COMPLETA  
NA REVISTA DIGITAL



# União de cooperativas fortalece o sistema

*Cada vez mais frequentes, incorporações agregam vantagens a todos os envolvidos e representam uma alternativa aos bancos tradicionais*

A máxima de que “a união faz a força” ocorre na prática quando cooperativas se juntam: elas se fortificam. Incorporação, no cooperativismo, significa a união entre cooperativas, buscando ganho de escala, ampliação da área de atuação, alargamento do quadro de associados, redução de custos e principalmente competitividade no mercado. Essa junção de estrutura pode ser realizada por duas ou mais cooperativas, que, a partir daí, tornam-se uma só.

O superintendente da Unicred Brasil, Evandro Jacó Kotz, explica que o processo de incorporação entre cooperativas acontece de forma consensual: uma cooperativa adota o papel de incorporadora e a outra, de incorporada. Kotz acredita que essa operação deve ser fomentada a fim de gerar mais desenvolvimen-

to. “A união de cooperativas tem sido muito bem aceita, tanto pelo Sistema Unicred quanto pelos cooperados”, aponta. “Esse processo resulta em estruturas patrimoniais mais fortes, ampliação da área de atuação, mais qualidade em produtos e serviços, redução de custos e melhorias do atendimento ao cooperado.”

Para que ocorra uma incorporação dentro do cooperativismo de crédito, primeiramente, todos os processos devem ser aprovados em assembleia geral, ou seja, o quadro de cooperados é quem decide sobre a viabilidade da operação. Num segundo momento, o Banco Central, órgão fiscalizador e regulamentador, deve dar aval ao processo, atendidos os critérios legais elencados na Resolução 3.859/10, do Conselho Monetário Nacional. Com as uniões, as cooperativas de

crédito têm uma grande oportunidade de crescimento, tanto em número de associados quanto em aumento de recursos.

Como o mercado financeiro é cada vez mais competitivo, as incorporações representam uma alternativa para o cooperativismo financeiro. A ideia é que as instituições se unam sem perder a essência do movimento cooperativista. Um exemplo de sucesso de incorporação no cooperativismo de crédito é a Sicredi Vale do Piquiri ABCD PR/SP. Fundada em 1988, abrange 43 municípios nas regiões oeste, centro-oeste e noroeste do PR e sete cidades do ABCD paulista. Atualmente, a Sicredi tem 55 mil associados, com ativos totais de R\$ 758 milhões e patrimônio líquido de R\$ 111 milhões. A cooperativa está listada entre as maiores organizações do segmento no Brasil.



Flora Egécia



*Esse processo resulta em estruturas patrimoniais mais fortes.* ”

**EVANDRO KOTZ,**  
superintendente da Unicred Brasil

## CREDIBILIDADE

O presidente da Sicredi Vale do Piquiri ABCD PR/SP, Jaime Basso, lembra que a primeira união entre cooperativas de crédito no Brasil ocorreu em 2003, entre Sicredi Vale, Sicredi Ubiratã e Sicredi Goioerê. Muitos anos depois, no início de 2013, a Sicredi Vale do Piquiri PR e a Sicredi ABCD SP se uniram, consolidando a primeira incorporação entre cooperativas de crédito de livre admissão no país em área não contínua.

A incorporação mais recente foi em dezembro do ano passado, entre a Sicredi Vale do Piquiri ABCD PR/SP e a Cooperativa de Crédito dos Profissionais de Tecnologia da Informação (Credite SP). “Vejo que estamos inaugurando um novo momento para o crescimento do sistema de crédito cooperativo, em São Paulo”, afirma Basso. “Esta é a primeira cooperativa de crédito de livre admissão com atuação na cidade de São Paulo e na região

do ABCD, o que significa que poderemos atender associados das mais diversas atividades profissionais e empresas. Com essas características, mais pessoas poderão experimentar os diferenciais competitivos que só o sistema cooperativo pode oferecer. Somos uma alternativa ao sistema bancário tradicional.”

No Brasil, o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) tem, hoje, mais de 2,5 milhões de associados. Trata-se de uma instituição financeira cooperativista, organizada em um sistema com 101 cooperativas de crédito filiadas, que operam com uma rede de atendimento que possui mais de 1,2 mil pontos em 11 estados. A estrutura conta ainda com quatro centrais regionais - acionistas da Sicredi Participações S.A., uma confederação, uma fundação e um banco cooperativo. Todas essas entidades, juntas, formam o Sicredi e adotam a mesma marca e padrão operacional único. Ao todo, são mais de 16 mil colaborado-

res, R\$ 38 bilhões em ativos e patrimônio líquido de R\$ 5,1 bilhões.

O presidente do Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi), Manfred Alfonso Dasenbrock, tem visão positiva sobre esse processo. Destaca as incorporações dentro do mesmo sistema - e em torno dos mesmos padrões operacionais e marcas - como iniciativas favoráveis ao associado, que, a partir daí, pode contar com mais especialidades e usufruir de maiores limites. “Uma cooperativa maior tem melhores condições de reter e atrair talentos e maior capacidade de investimentos em capacitação e estrutura, o que gera maior credibilidade na comunidade e no seu entorno”, explica. “A busca pela eficiência operacional sem onerar os associados fez, em muitos casos, com que dirigentes encontrassem alternativas viáveis de união de cooperativas. Essas uniões são positivas, pois podem gerar aumento de limites operacionais e melhor prestação de serviços.”





Divulgação



*Essas uniões são positivas, pois podem gerar aumento de limites operacionais e melhor prestação de serviços. ”*

**MANFRED DASENBROCK,**  
presidente do Sicredi

## VANTAGENS

Geralmente após a incorporação, a área de atuação se expande e o patrimônio aumenta, trazendo mais escalas para a intermediação financeira da instituição e maior visibilidade. Tendo como base esse cenário, o ex-presidente da Sicoob Confederação, José Salvino de Menezes, explica que todo processo de incorporação tem por objetivo fortalecer a instituição e torná-la ainda mais competitiva. Segundo ele, a incorporação é o melhor caminho para a aglutinação das cooperativas financeiras.

“Nos últimos anos, temos presenciado uma série de incorporações no sistema”, relata Menezes. “A união de cooperativas, independentemente do tamanho ou do ramo de atuação, tem objetivos comuns: reduzir custos, ampliar os pontos de atendimento e fortalecer a instituição, além de torná-la ainda mais competitiva. A cooperativa unificada também fica mais capitalizada, o que significa um maior volume de recursos para emprestar. Os cooperados passam a contar com mais oferta de produtos e serviços em função da maior alavancagem da cooperativa.”

A incorporação no cooperativismo mostra-se, assim, como uma forte tendência para melhor atender às demandas geradas pelos cooperados. As principais vantagens observadas são ganho de escala, ampliação da área de atuação, redução de custos, otimização das estruturas já existentes e maiores investimentos em áreas estratégicas para a cooperativa, como tecnologia e marketing. ■



Sicoob Confederação



*A união de cooperativas tem objetivos comuns: reduzir custos, ampliar pontos de atendimento, fortalecer a instituição e torná-la mais competitiva. ”*

**JOSÉ SALVINO DE MENEZES,**  
ex-presidente da Sicoob Confederação

# As maiores

Entre as 10 maiores cooperativas de crédito da América Latina, a metade da lista é formada por instituições brasileiras.

\* Fonte: Portal do Cooperativismo de Crédito. Mais detalhes na página [www.cooperativismodecredito.coop.br](http://www.cooperativismodecredito.coop.br)



## **Credicitrus,**

com 1.716,9 de ativos e participação de 0,05% no sistema financeiro nacional



## **Sicoob Cocred,**

com 964,2 de ativos e participação de 0,03% no sistema financeiro nacional



## **Viacredi,**

com 798,9 de ativos e participação de 0,02% no sistema financeiro nacional



## **Cooperforte,**

com 641,9 de ativos e participação de 0,02% no sistema financeiro nacional



## **Credicoamo,**

com 545,0 de ativos e participação de 0,02% no sistema financeiro nacional

\* Ativos: em mil



# Sangue novo no campo

*Cresce a permanência de jovens nas propriedades rurais,  
reduzindo a idade média de associados das cooperativas*



O que há em comum entre a facilidade de acesso à internet, a mecanização da produção agrícola e o cooperativismo? Eles são alguns dos elementos à frente de uma mudança que está tornando o meio rural mais atraente para os filhos de pequenos produtores rurais. Aline Sulzbach e Lucas Ahlert, de 18 anos; Mateus Tonezer, 32; e Mayara Romão, 25 (veja quadro), são exemplos bem-sucedidos de jovens que trabalham no campo e escolheram um curso superior para se aprimorar. Eles estão oxigenando os quadros das cooperativas brasileiras, e tal renovação vem a reboque de uma maior abertura à inovação por parte de seus pais e do aumento de cursos superiores voltados para o meio rural.

Um dos primeiros a notar a presença crescente de jovens entre os associados foi o engenheiro agrônomo Renato Kreimeier, vice-presidente da Cooperativa Languiru, com sede em Teutônia (RS). Aline e Lucas estão entre os dez entrevistados por Kreimeier para o livro *O crescimento da participação de associados jovens no quadro social da Cooperativa Languiru*, resultado do trabalho de conclusão da pós-graduação em gestão de cooperativas, no Centro Universitário Univates. “O jovem fica no meio rural onde tem cooperativa, porque elas investem nas pessoas e proporcionam desenvolvimento local e regional”, assinala o autor.

## INVESTIMENTO

As cooperativas vêm incentivando a redução da idade média de seus associados, o que permite uma saudável troca de experiências e novas ideias. Com sede em Patrocínio (MG), a Coopa se destaca pelo CoopaJovem, que reúne atualmente cerca de 70 associados com idade entre 16 e 25 anos. A instituição, que tem estatuto próprio, surgiu em 2008, como iniciativa de filhos de associados. O grupo desempenha papel fundamental na Feira de Negócios e Integração da Coopa (FeniCoopa), principal evento anual da cidade. Eles promovem reuniões, campanhas sociais e de preservação ambiental, além de participarem de eventos cooperativistas regionais e nacionais.

A diretora-presidente da CoopaJovem, Mayara Romão, observa que os jovens estimulam uma atuação mais participativa dos pais na cooperativa. “Eles levam informação, trazem novos associados e, por conta da divulgação nos encontros da Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (Ocemg), outro grupo jovem está se formando na região do Prata”, conta Mayara.

A CoopaJovem já faz parte do estatuto da Coopa, o que garante sua existência, independentemente de quem estiver na direção da cooperativa. “É um *merchandising* para o cooperativismo, pois os jovens são calorosos, atuam com paixão, contagiam e atraem os demais produtores”, descreve Renato Nunes, diretor-presidente da Coopa.



*O jovem fica no meio rural onde tem cooperativa, porque elas investem nas pessoas e proporcionam desenvolvimento local e regional.* ”

**RENATO KREIMEIER,**  
vice-presidente  
da Cooperativa Languiru







## 20%

Percentual de novos associados da Coopa com menos de 30 anos de idade



## 40 anos

Idade máxima de 30% dos 5.395 associados da Cooperativa Languiru



Ele ressalta, no entanto, que o investimento em novas tecnologias é fundamental para os pais estimularem os herdeiros a se manterem ligados à terra: “O filho não quer ficar no cabo da enxada. Há três anos, criamos um departamento de tecnologia e máquinas, aumentando o acesso à mecanização. Isso cria a expectativa de que o jovem permaneça na propriedade, coordenando todo o processo”.

## DESAFIOS

Opinião semelhante tem Enio Schroeder, vice-presidente da Cotrijal, presente em 14 municípios do Rio Grande do Sul e sediada em Não-Me-Toque. Schroeder aponta a necessidade de conhecimento específico para lidar com novas tecnologias. “Os jovens têm facilidade também para trabalhar novas ferramentas de gestão. A agricultura, hoje, não sobrevive no modelo antigo. Precisa estar altamente competitiva”, aponta ele, que ressalta ainda a necessidade de formar novos dirigentes para a cooperativa. “Incentivamos e preparamos permanentemente nossa juventude para que assuma a direção quando chegar o momento.”

Em 2010, a Cotrijal convocou um seminário com 180 associados, que permaneceram por três dias em Caxias do Sul para discutir o tema sucessão e novas gerações. O vice-presidente percebeu, na ocasião, que o assunto era tabu em muitas famílias. Havia casos de quebra de vínculo familiar por conta de herança e muitos participantes se emocionaram durante as dinâmicas de sensibilização. Todo o trabalho é desenvolvido em parceria com uma consultoria externa. “A ideia é trabalhar de forma inteligente essa divisão de quem vai continuar no campo, quem vai sair. Nem todos têm vocação para cuidar da terra, por isso é importante que entendam seus papéis, sem se sentirem injustiçados, para que a propriedade siga dando resultado”, assinala.

Kreimeier destaca os excelentes resultados dos jovens associados da Languiru. “Eles têm um nível de escolaridade melhor, aplicam tecnologia e isso gera mais produtividade e renda. Questionam mais, vão atrás de informação, são conscientes, participativos e usam bem seus conhecimentos de informática. Na prática, isso gera resultados fantásticos”, orgulha-se.

## QUEM SÃO



**Aline Sulzbach, 18 anos**  
**Estrela (RS)**

A caçula de Paulo e Marlise Sulzbach é responsável por, futuramente, administrar uma área de 40 hectares que produz leite, aves para corte e grãos. Ela cursa gestão de agronegócios na Faculdade La Salle, única graduação na região voltada a quem tem interesse em permanecer no meio rural. “Meus pais começaram isso aqui do zero - não havia luz nem água - e sempre enfatizaram que os filhos não podiam deixar isso se perder”, lembra. Para Aline, o jovem que permanece na propriedade da família melhora o sistema de produção. “Não tem fim de semana, nem feriado, surgem imprevistos. Mas aqui tem tudo o que preciso. Vou investir na minha profissão e ser uma grande agricultora”, diz.



**Lucas Ahlert, 18 anos**  
**Westfália (RS)**

Tataraneto de alemães que produziam para a subsistência, Lucas cursa gestão de negócios e conta que seu interesse pelo cooperativismo é influência do pai e do avô, ambos associados da Cooperativa de Languiru. Lucas observa que, em Westfália, a viabilidade financeira está incentivando a permanência dos filhos de agricultores no campo. “O jovem pode contribuir para fazer a cooperativa crescer, ser mais conhecida. A faculdade vai me ajudar a gerenciar melhor a propriedade e me dará outras visões. No momento, queremos aumentar a produção de leite e o desempenho dos lotes de frango”, exemplifica o jovem, que já tem em seu nome a produção aviária da família.



**Mateus Tonezer, 32 anos**  
**Colorado (RS)**

Ao lado dos pais, Olírio e Florentina Cecília, Mateus planta soja, milho, trigo e produz leite em uma área de 60 hectares. O jovem agricultor é técnico agrícola e concluiu, há sete anos, a graduação em administração de empresas. Sempre se atualiza via internet, assiste a programas especializados na TV e participa de palestras promovidas pela Cotrijal. “A faculdade ajudou principalmente na parte financeira, a entender como funciona o sistema econômico. O curso técnico ajudou a melhorar a produção. Mas nessa área tudo muda muito rápido. Quem não se atualiza fica por fora”, adverte. “O jovem pode levar ideias novas porque pesquisa, sempre quer saber de tudo mais a fundo”, conclui.

Fotos: Leandro Hamster



**Mayara Romão, 25 anos**  
**Patrocínio (MG)**

“Quero usar o que aprendi trabalhando com cooperativas.” Assim a biomédica e estudante de veterinária resume a trajetória que desenha para seu futuro profissional. Mayara ocupa o cargo de diretora-presidente na CoopaJovem, instituição que ajudou a criar, seis anos atrás, ao lado de filhos e familiares de associados da Coopa, em Patrocínio. Sua história com a cooperativa é antiga. O pai é conselheiro e os tios são associados, assim como o avô também foi. “Cresci dentro da cooperativa”, resume. Uma de suas aspirações é trabalhar para produtores rurais associados. “O cooperativismo é uma forma bonita de viver”, resume. ■



Grupo reunido em frente ao monumento Força Cooperativista, próximo à sede da Sicredi Pioneira



Gisele James

# Viagem ao berço do coopera



*Vencedores  
dos Prêmios  
Cooperjovem  
Redação e Professor  
ganham viagem a  
Nova Petrópolis,  
cidade gaúcha  
pioneira em  
cooperativas  
de crédito*

**C**uriosidade e muita animação. Foi assim que o paranaense Kaio Victor, de nove anos, ganhou a simpatia do grupo durante uma viagem que fez com outros estudantes e professores a Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha. Um dos vencedores dos Prêmios Cooperjovem Redação e Professor 2013, evento promovido pelo Sescoop, o jovem participou da excursão para conhecer de perto o berço do cooperativismo de crédito no Brasil. Durante três dias, eles viveram uma aventura de informações históricas sobre o movimento cooperativista.

A premiação, que ocorre há dois anos, faz parte do Cooperjovem, programa do Sescoop criado para estimular a integração da comunidade com o cooperativismo e incentivar, nas escolas, a aprendizagem dos princípios que regem as cooperativas. O resultado é sempre motivador. “Foi inacreditável quando ele chegou em casa dizendo: ‘Vamos para Brasília’”, comentou Tereza Fragata, a mãe de Kaio, ao ver o convite para a solenidade de premiação, realizada na capital federal, evento após o qual o grupo embarcou para o Sul.

Ativo, Kaio não perdeu tempo para aprimorar seus conhecimentos. Fosse durante uma apresentação ou em visita a alguns dos monumentos históricos da cidade, lá estava ele, questionando, procurando saber mais. Foram perguntas atrás de perguntas seguidas de conclusões surpreendentes.

“Na verdade, o que eu queria mesmo era ganhar o videogame”, brincou o jovem estudante, ao falar sobre sua participação no concurso. À sua volta, todos caíram na risada. Com a simplicidade e a autenticidade típicas de uma criança, Kaio aproveitou cada momento da viagem, agregando conhecimentos importantes para sua formação e para compreender melhor a realidade de sua família, uma vez que o pai, Vilmar da Rosa, é cooperado da Copagrill, no Paraná.

Kaio ficou em terceiro lugar na categoria 4º e 5º anos do Prêmio Redação. As outras cinco vencedoras também se mostraram

# ativismo





felizes com o passeio. Foi o caso da jovem Larissa, de 11 anos, paraibana de João Pessoa. “Está sendo muito bom conhecer todos esses locais novos. Nunca pensei em viajar assim, para lugares tão bonitos e diferentes”, comentou. Classificada em segundo lugar no concurso, na mesma categoria de Kaio, Larissa foi definida pela professora Sandra Paiva como “uma das melhores alunas da escola”.

Na avaliação de outra educadora - a professora catarinense Andreia Jaqueline Bach -, “desde as redações feitas pelos estudantes até os projetos elaborados pelos professores, os Prêmios Cooperjovem incentivam a prática da cooperação de maneira verdadeiramente eficiente”. Jaqueline ficou em primeiro lugar no 6º Prêmio Nacional Professor Cooperjovem com o projeto Cooperando por um Mundo Melhor. “Nós, que estamos junto das crianças, no dia a dia, percebemos a real evolução que elas apresentam e a diferença que o programa traz para o seu desenvolvimento”, completou.



Gisele James

Alunos vencedores:  
Gabriela Silva, Ana Clara Santos  
e Vanessa Silva, acima.  
Abaixo. Kaio Victor, Natielei  
Pereira e Larissa Silva

## INSCRIÇÕES

A edição deste ano do Prêmio Cooperjovem teve mais de 13 mil alunos inscritos, além de 150 professores que enviaram projetos. Seleccionados em uma segunda etapa, os trabalhos seguiram para a comissão julgadora nacional, de onde saíram os finalistas. A jornada dos vencedores começou em dezembro do ano passado, quando o grupo esteve em Brasília para a solenidade da premiação, realizada na OCB, e participou de um passeio turístico local.

“Foi muito especial poder ler minha redação para tantas pessoas”, comemorou a estudante Natieli Pereira, 11 anos, consagrada com o primeiro lugar na categoria I (4º e 5º anos), durante a cerimônia. “Fiquei um pouco nervosa, mas feliz também.” Após a solenidade, o grupo embarcou de Brasília para o Rio Grande do Sul. Tanto para Natieli quanto para outros colegas, viajar de avião era uma experiência desconhecida.

De Porto Alegre, eles seguiram de ônibus para Nova Petrópolis, num percurso de pouco mais de três horas. Lá chegando, visitaram a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Amstad, cujos alunos fundaram a Cooeamstad, cooperativa que se dedica à produção de biscoitos caseiros. Foi o primeiro contato direto com um exemplo de como o cooperativismo pode ser importante para uma comunidade.

“São os próprios alunos que vão para a cozinha preparar os quitutes”, informou a vice-diretora da escola, Celia Heylmann. Segundo

ela, a Cooperativa de Estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Amstad proporcionou aos seus criadores ganhos em diversas áreas, como desenvoltura para falar em público, incentivo aos trabalhos de equipe e melhor direcionamento das demandas.

“Tudo isso representa um crescimento importantíssimo para o futuro deles, que, em breve, entrarão no mercado de trabalho”, destacou a vice-diretora. Ana Clara dos Santos, 14 anos, segundo lugar na Categoria II (6º ao 9º ano), reforçou: “Foi motivador ver crianças, como nós, com tanta responsabilidade”. A estudante exemplifica o público-alvo do Programa Cooperjovem.

Em seguida, o grupo visitou a Cooperativa Escolar Bom Pastor (Coobompa), pioneira entre as cooperativas fundadas por estudantes da cidade e destacada pela produção das mandalas de madeira - símbolo oficial da Capital Nacional do Cooperativismo, como Nova Petrópolis é conhecida. “Aqui, 50% da população é envolvida com o cooperativismo”, explicou Everaldo Marini, coordenador do projeto da instituição. “O programa de cooperativas escolares foi apresentado aos alunos, e aqueles que quiseram se associaram, respeitando o princípio da livre admissão.”

A parada seguinte foi na sede da Sicredi Pioneira, a primeira cooperativa de crédito da região e a mais antiga em funcionamento do Brasil. Lá, os visitantes assistiram a uma explanação sobre o cooperativismo no mundo, no Brasil e os benefícios que o movimento proporcionou à região da Serra Gaú-

cha. “Não podemos nunca parar de aprender; o conhecimento é o que temos de mais valioso”, lembrou o vice-presidente da Sicredi Pioneira, Mario José Konzen.

## ROTA HISTÓRICA

Foi Konzen quem conduziu o grupo ao próximo passeio, a chamada Rota do Cooperativismo, programa turístico tradicional na cidade. Partindo da praça em frente à sede da Sicredi onde se localiza o monumento “Força Cooperativista”, eles passaram pela Praça Padre Theodor Amstad, visitaram a paróquia e foram ver as instalações do museu, construído na casa em que morou o líder religioso Amstad.

O passeio reforçou a cultura do Cooperjovem, considerado “o programa mais importante para a vida do cooperativismo” pelo presidente do Sescop, Márcio Lopes de Freitas. “Se eu tivesse apenas R\$ 1 para investir, como dirigente, investiria no Cooperjovem. Seu efeito não é imediato, mas cria uma cadeia de reflexos que, sem dúvida, mudam a vida da comunidade. Esse é o papel de responsabilidade social das cooperativas.”

“Nossa intenção foi mostrar que o movimento cooperativista está presente no país como um todo”, resumiu a gerente de Promoção Social do Sescop, Maria Eugênia Borba. “Além da beleza natural do Rio Grande do Sul, queríamos que eles aproveitassem a oportunidade e percebessem que estão praticando uma cultura que também é um negócio.” ■



# Respeito aos colegas é fundamental

*Ser discreto e ético, cooperar, ter bom senso e manter o bom humor são atitudes essenciais para garantir um ambiente de trabalho leve e agradável*





#### SEMPRE ATENTO

*Coach* (em inglês, treinador) é o profissional que atua apoiando, encorajando, mantendo a motivação e incentivando, enfim, o aumento das capacidades e habilidades de seu cliente, que o contrata a fim de realizar determinado objetivo. O *coach* é mais que um assessor, pois seu trabalho consiste em elaborar reflexões e analisar os pontos em que o cliente precisa se firmar para atingir a meta estabelecida.

Sabe aquela fofoca de corredor ou a brincadeira interminável com um colega? Pode anotar: isso prejudica o bem-estar no ambiente de trabalho. Do desrespeito vai-se muito rapidamente às intrigas, ao preconceito e, conseqüentemente, a um ambiente desarmônico. Não por acaso, existe a etiqueta de convivência profissional, uma espécie de “cartilha” fácil de cumprir e com bons resultados para todos.

Quem alerta é Melissa Camargo Kotovski, *coach* e consultora organizacional da Potencial Desenvolvimento Humano, empresa paranaense especializada em comportamento. Para ela, as primeiras regras, comuns a qualquer local de trabalho, são o cumprimento de prazos, a discrição, o bom comportamento e o equilíbrio emocional.

Cada empresa é uma, e as etiquetas podem variar de um local para outro. O que não varia nunca são as regras básicas da educação. Melissa lembra procedimentos importantes tantas vezes esquecidos, como a cordialidade: “Para um ambiente leve, é preciso ser educado, falar muito obrigado, por favor e pedir licença”. Parece óbvio, mas no dia a dia muita gente se esquece desses detalhes que fazem toda a diferença. Por isso, a atenção às atitudes é fundamental.

Para ter bom senso, destaca a consultora, “é necessário ter percepção”, ou seja, estar sempre atento. Cada ambiente de trabalho tem seus padrões, e segui-los é o melhor caminho para tornar o dia a dia mais agradável e produtivo. Uma dica é seguir um trabalho de etiqueta colaborativa, com orientações sobre roupas e comportamentos adequados, o que ajuda a prevenir até situações extremas.







*Evitar fofocas é evitar desgastes, é cuidar da saúde. Escutar uma fofoca faz de você um fofoqueiro.* ”

**MELISSA KOTOVSKI,**  
consultora organizacional  
da Potencial Desenvolvimento  
Humano

## LÍNGUA SOLTA

Muitas vezes, um comentário que começa como brincadeira ou desabafo pode se transformar em um vírus: o tal disse me disse, capaz de prejudicar relacionamentos e contaminar o ambiente de trabalho. “Evitar fofocas é evitar desgastes, é cuidar da saúde”, aconselha Melissa Kotovski, que reforça: “Escutar uma fofoca faz de você um fofoqueiro”. Caso seu nome esteja envolvido em alguma dessas “conversas paralelas”, a primeira atitude é não se vingar, nem procurar saber quem deu origem ao boato. O assunto somente deve chegar ao líder caso se torne insustentável e possa prejudicar o funcionário. Mas deve-se relatar apenas a situação, evitando citar nomes, pois aí já seria uma nova fofoca.

Para não cair na armadilha do disse me disse, alguns cuidados podem ser tomados, entre eles, evitar as chamadas “panelinhas”, aquelas turmas fechadas que têm como passatempo preferido falar dos outros. Os grupos são bem-vindos, desde que em relações saudáveis. Outras duas dicas importantes da consultora são nunca discutir perto de muitas pessoas e saber receber críticas. Para quem verbaliza a crítica, outro conselho: “Se o fizer, faça-o longe dos demais colegas, em lugar reservado”.

## BOA CONVIVÊNCIA

Caso alguém seja vítima de preconceito, o primeiro passo é tentar conversar com a pessoa que deu origem ao fato. Não surtindo resul-

tado algum, aí sim, o próximo passo é falar com o superior. Do preconceito para o assédio, é um pulo. Se o caso for esse, Melissa dá algumas dicas. Primeiro, diga um “não” bem claro, deixando evidente seu desinteresse pela proposta e falando de sua insatisfação com aquele comportamento; segundo, relate aos colegas mais próximos (somente aqueles de quem você pode esperar discrição) o que está acontecendo; em terceiro, reúna provas e comente com os líderes ou com alguém da área de recursos humanos.

Há tempos, o equilíbrio emocional se apresenta como um dos fatores mais importantes para o sucesso na carreira. Nem sempre alguém consegue deixar em casa as situações críticas da vida pessoal, mas é necessário saber administrar situações delicadas que podem comprometer o desempenho na produção. Em casos extremos, o melhor é procurar o líder e se abrir, sem entrar muito na intimidade. “Falar é estratégico, mas é necessário ter em mente a solução do problema”, ensina Melissa.

Para o colega ao lado que percebe a situação, o apoio e a amizade são tão fundamentais quanto a discrição. Preservar alguém que estava chorando no banheiro, por exemplo, sem sair contando para todo mundo, pode salvar empregos, amizades e o ambiente profissional. Depois, dê apoio fora do local de trabalho.

E aquela festa de aniversário do colega ou do chefe, ou então a comemoração de fim de ano? Tais eventos são uma extensão da

vida profissional, e alguns cuidados são necessários - afinal, haverá ainda muitos dias de trabalho depois da festa. Discrição e equilíbrio devem ser mantidos. É importante ir à festa, pois o funcionário precisa ser lembrado, mas vale ficar atento a detalhes, como a hora de chegada e de saída, o excesso de bebidas - moderar nunca é demais - e as brincadeiras exageradas, tão comuns depois de uns goles a mais.

## NOVAS ATITUDES

A cooperação faz uma grande diferença na vida das pessoas que trabalham juntas. Ao cooperar, todos ganham. “Se eu tenho retorno, o outro também tem”, analisa Melissa. As palavras mágicas nesse caso são: comunicação, paciência, cooperação e tolerância. O autoconhecimento também deve ser levado em consideração, pois quanto mais uma pessoa conhece a si mesma, melhor ela convive com os outros e se solidariza.

Para mudar, voltamos à necessidade do conhecimento, que leva a desenvolver uma habilidade capaz de conduzir à atitude. Para isso, é preciso predisposição de mudar o comportamento. Uma forma de desencadear esse ciclo é o trabalho voluntário. “Mas é preciso que seja uma atitude contínua, pois nunca estamos prontos, precisamos sempre de estímulos, que podem ser passados pela empresa via programas de voluntariado, treinamento ou eventos”, sugere Melissa. E aponta um bom motivo para que a empresa promova mudanças: “Somos mais criativos e mais produtivos em um ambiente leve”.

É necessário ter em mente que uma carreira de sucesso não passa apenas pelo estudo e pelo aprimoramento técnico. “A gente se prepara muito estudando, investindo em conhecimentos técnicos, mas nos esquecemos do comportamento”, atenta a consultora. “O comportamento influencia muito na vida profissional, e 55% do nosso comportamento é não verbal.” ■

## COMO SE COMPORTAR NA FESTA DA EMPRESA

- Vá à festa, pois é importante ser lembrado, é uma atitude estratégica.
- Cumprimente as pessoas, não fique apenas na sua “panelinha”.
- Lembre-se de que a festa é uma extensão da empresa.
- Não exagere na roupa, na bebida e nos impulsos.
- Não seja o primeiro a chegar nem o último a sair, e se houver um discurso do chefe, assista.
- Seja lembrado como um profissional no dia seguinte, cuide de sua imagem.
- Seja discreto com as gafes alheias.
- Respeite as pessoas, as diferenças.
- Não reclame o tempo todo ou fique falando mal dos outros. Fale de coisas boas, agradáveis.
- Aproveite para fazer contatos.



## DICAS PARA O SUCESSO



Busque ser o profissional adequado para sua empresa.



Tenha paixão pelo que faz.



Comuniqu-se bem, seja verdadeiro.



Capacite-se com frequência.



Cuide da postura.



# Lideranças femininas a caminho da excelência

*Presença de mulheres nas cooperativas cresce no Brasil. Com olhar diferenciado e sempre em busca de capacitação, elas são fundamentais para o desenvolvimento de diversos setores*

A atuação feminina no cooperativismo brasileiro tem forte expressão. Que o diga Ana Rauber Balsan, há 25 anos militante no setor. Em 2000, ela criou a primeira cooperativa de crédito no segmento de transportes, a Transcredi (Concórdia, SC), que atualmente preside. Ana vem de um tempo em que a situação para a mulher no cooperativismo engatinhava. Raras eram aquelas em cargos mais relevantes. Hoje, observa, a resistência é bem menor: “A tendência é aumentar cada vez mais a participação feminina, pois as mulheres se preocupam em se preparar para uma oportunidade, sempre estudando, se atualizando”.

Entre os 5.758 associados da instituição, 70% dos colaboradores são do sexo feminino. “Hoje, as

mulheres estão muito mais preparadas, querem mostrar que são capazes e também são mais comprometidas”, analisa a presidente da Transcredi, que, em 2007, passou à categoria de cooperativa de economia e crédito mútuo de pequeno empresário, microempresário e/ou microempreendedor de Concórdia e Região.

Ana faz parte de uma das poucas estatísticas no país sobre a participação da mulher no cooperativismo. Santa Catarina, que tem aproximadamente 6,6 milhões de habitantes, pode ser considerado um estado com bom engajamento na causa: segundo Patrícia Gonçalves de Souza, coordenadora de Promoção Social do SESCOOP SC, existe um forte movimento local para estimular as mulheres a se capaci-

tarem para assumir uma participação mais efetiva no cooperativismo. Em função desse trabalho, o sexo feminino representa hoje 28,12% dos mais de 1,464 milhão de cooperados catarinenses - ou seja, 411 mil mulheres estão ligadas diretamente a alguma cooperativa daquele estado.

Foi na década de 1980 que começaram a surgir, timidamente, os trabalhos de algumas cooperativas do ramo agropecuário visando à participação das mulheres e filhas de cooperados - os chamados núcleos femininos. Estes núcleos realizavam reuniões com o objetivo de aproximar família e instituição, trabalhando em torno de assuntos administrativos, produção agrícola, prestação de serviços e objetivos sociais por meio da educação cooperativista.



*Hoje, as mulheres estão muito mais preparadas, querem mostrar que são capazes e também são mais comprometidas. ”*

**ANA RAUBER BALSAN,**  
presidente da Transcredi

## NÚCLEOS

“Essas atividades representaram resultados tão significativos para o crescimento das cooperativas que, a partir daí, muitas delas começaram a promover encontros de núcleos femininos, buscando maior participação e integração da mulher à vida das cooperativas”, relata Patrícia. Nesse contexto foi que, em pouco tempo, percebeu-se a necessidade de criar um trabalho mais intenso. Em 2001, foi realizado o 1º Encontro Estadual de Mulheres Cooperativistas, numa época em que apenas 8% dos 463.156 associados de cooperativas em Santa Catarina eram mulheres. O evento registrou a presença de 250 líderes de 14 instituições do estado.

Na ocasião, foram definidas as estratégias para incentivar a participação da mulher, gerando, conseqüentemente, a conquista de espaços em núcleos, conselhos, comitês e órgãos de direção. “Doze anos depois, o encontro passou a contar com a participação de 800 mulheres de 26 cooperativas. Os números falam por si só”, contabiliza Patrícia. No Congresso Catarinense de Mulheres Cooperativistas aberto em 2011, em Santa Catarina, foram elencadas 150 dificuldades enfrentadas pelas mulheres no segmento. Falta de acesso à informação, oportunidade e treinamento/capacitação para as mulheres foi o item mais citado (44%), seguido por falta de conhecimento, interesse e tempo (36%) e, em último lugar, machismo (13%).





Fotos: Flora Egécia

Conceição Capibaribe, Wanda Moreira e Sylvania Feijó



*O cooperativismo fez uma revolução com a mulher brasileira.* ”

**CONCEIÇÃO CAPIBARIBE,**  
presidente da Uniodonto do Amapá

Na região Nordeste, a situação é bem diferente. O Ceará (população de 8,7 milhões de habitantes, de acordo com o censo de 2013) registra 22.146 mulheres cooperadas. Dessas, 17 são presidentes de cooperativas. O número é expressivo, mas o trabalho está começando. No ano passado, por exemplo, o Encontro de Mulheres Cooperativistas reuniu 150 participantes, cifra que parece pequena, mas, no contexto local, já representa um progresso, pois afere aumento de interesse em um evento que realiza cursos como os de gestão empresarial, liderança motivacional, etiqueta e saúde da mulher.

Ilana Maria de Oliveira Maciel, gerente de Formação Profissional do Sistema OCB/Sescoop cearense, vem acompanhando a situação no estado há 14 anos. “Não temos muitas mulheres em cargos de gestão e

há poucas nos conselhos”, notifica. De acordo com ela, a participação é mais expressiva quando ocorrem ações sociais, que exigem maior envolvimento. “Elas também se comprometem muito mais quando o assunto é levar o sócio para a cooperativa”, esclarece.

Na avaliação de Ilana, ainda existe preconceito, embora não explícito, com relação à capacidade feminina de gestão. Um dos pontos que dificultam a ascensão das mulheres dentro das cooperativas, ela cita, é o fato de os homens se unirem, não para evitar a entrada de uma mulher na diretoria, mas para colocar alguém da confiança deles. “Falta um trabalho maior quanto a trazer o jovem e a mulher para dentro das instituições, trabalhando o terreno para o futuro, para o processo sucessório”, pondera a gerente.

## ÓTICA DIFERENCIADA

A presença feminina, no entanto, se avoluma quando o assunto é o quadro de colaborações. É o caso da Cooperativa de Médicos da Santa Casa de Maceió (Santacoop). “Dos 28 colaboradores, somente oito são homens”, destaca Sylvia Feijó, gerente administrativo-financeira especializada em gestão de cooperativas. Há três anos no setor, ela diz não ter encontrado nenhuma barreira para assumir o cargo:

“Tive boa receptividade”. Para Sylvia, as mulheres conseguem tornar as relações mais amistosas. “Temos uma percepção sob uma ótica que envolve mais as pessoas”, avalia.

Wanda Marília Moreira, gerente administrativa da Cooperativa de Crédito de Livre Admissão do Médio Piracicaba e do Circuito do Ouro (Sicoob Credimepi/SP), adverte: “Precisamos disseminar o cooperativismo, ser mais ativas, criar uma cultura e uma educação cooperativistas.” Há 16 anos ela faz par-

te dos quadros da Sicoob Credimepi, que tem 8,5 mil associados e dez agências.

“O cooperativismo fez uma revolução com a mulher brasileira”, defende Conceição Rodrigues Capiberibe, diretora da Uniodonto Planos Odontológicos do Amapá, cooperativa da qual foi uma das idealizadoras. Em sua função, é assessorada por duas outras mulheres. Entre os 60 cooperados, metade é formada por mulheres. “A tendência é aumentar as lideranças femininas no setor, porque a filosofia da cooperativa combina com as características das mulheres, com seu espírito agregador”, acredita.



Márcia Behnke, presidente da Cooplem, entre as colegas: aposta na proatividade da categoria



*A gente não pode esquecer que está no mercado, afinal, somos uma escola, mas também somos uma empresa. ”*

**MÁRCIA BEHNKE,**  
presidente da Cooplem

## COMPETITIVIDADE

No Distrito Federal, também é expressiva a presença feminina no conselho administrativo da Cooplem, primeira cooperativa de idiomas no Brasil, inaugurada em 1999. Sua presidente, Márcia Behnke, durante um encontro de mulheres cooperativistas realizado na OCB, destacou que a solidariedade mútua, refletida nas atitudes de intercolaboração, é essencial, até porque o sucesso de uma administração exige padronização de procedimentos. “A gente não pode esquecer que está no mercado, afinal, somos uma escola, mas também somos uma empresa”, lembra. É a força da mulher marcando presença no desenvolvimento. ■



VEJA MAIS  
NA REVISTA DIGITAL



# Cooperativista nato

*Fundador da Coapil, Juca da Quita é hoje um nome diretamente associado ao desenvolvimento da região de Piracanjuba, em Goiás*

**D**o alto de seus 90 anos e no vigor de uma simpatia aperfeiçoada pela maturidade, José Martins Ferreira, idealizador e um dos fundadores da Cooperativa Agropecuária Mista de Piracanjuba (Coapil) - na qual permanece até hoje, como sócio - lembra como o cooperativismo mudou a sua realidade e a de muitos agricultores da região de Piracanjuba (GO). Ele é um exemplo de liderança que contribuiu para a implantação da primeira cooperativa da cidade.

De cara, dispensa formalidades e diz que prefere ser chamado de Juca da Quita, como todos o conhecem. “Minha mãe, dona Quita, desde quando eu era pequenininho me chamava de Juca. Daí a vizinhança começou a me chamar de Juca da Quita.”

Juca lembra sua primeira profissão, a de construtor, como pedra fundamental de sua história com o cooperativismo. Ao perceber a escassez de material de construção, em Piracanjuba, ele decidiu montar uma fábrica de cerâmicas na cidade. Foi então que, durante uma viagem a Tambaú, no interior de São Paulo, a trabalho, se deu seu primeiro encontro com os princípios cooperativistas.

Ao chegar a Tambaú, onde havia ido para conhecer algumas fábricas de cerâmicas da região e adquirir maquinário para seu novo negócio, ele ficou impressionado com uma situação: não encontrou nenhuma lanchonete ou estabelecimento comercial parecido. “Fiquei intrigado com aquilo. No outro dia, quando fui à empresa onde iria comprar as máquinas e receber treinamento para manuseio das mesmas, o dono do negócio me explicou que não havia pequenos comércios na cidade porque eles tinham acesso a tudo de que precisavam por meio da cooperativa local. Eu me entusiasmei e quis saber mais sobre cooperativismo.”



*Lá tinha tudo o que você possa imaginar, desde alimentos até consultórios médicos. Era uma minicidade. Eu me encantei com aquilo e pensei: vou montar uma cooperativa. ”*









Fotos: Flora Egécia

## ENGAJAMENTO

Naquela época, lembra Juca da Quita, a produção de cerâmica era o que sustentava a economia de Tambaú. Mas a população tinha vida precária. Insatisfeitos com aquela situação, dois irmãos, donos da empresa que Juca visitava, resolveram montar uma cooperativa mista com o intuito de proporcionar melhores condições para a comunidade. Imigrantes italianos, eles já haviam vivenciado os benefícios do cooperativismo em seu país natal. “O dono da empresa me levou para um grande balcão próximo de Tambaú. Lá tinha tudo o que você possa imaginar, desde alimentos até consultórios médicos. Era uma minicidade. Eu me encantei com aquilo e pensei: vou montar uma cooperativa como essa em Piracanjuba”, relembra, entusiasmado.

De volta a Goiás, ele foi direto ao Sindicato Rural de Piracanjuba propor a implantação de uma cooperativa. Já adotando uma postura cooperativista, Juca mobilizou vários produtores da cidade, e organizou reuniões onde explicava os benefícios de cooperativismo, em prol do bem comum. E mais uma vez, obteve sucesso em suas ações: “Eu cheguei de São Paulo encantado e compartilhei a ideia de cooperativismo com os membros do sindicato. Convoquei uma reunião com vários produtores rurais da região. Recebi apoio de empresas da cidade e, depois de muito trabalho, conseguimos fundar a Cooperativa Agropecuária Mista de Piracanjuba”.

Foi assim que, em 21 de julho de 1968, nasceu a Coapil, da qual Juca ocupou a presidência, durante a formação da primeira di-

retoria da instituição. “Assim que fui eleito, tomei a frente do processo de normatização e regularização. Logo começamos a fazer pedidos de mercadorias para atender às demandas dos recém-cooperados.” No início da década de 1970, a cooperativa abriu uma farmácia veterinária, construiu um posto de combustível, um armazém com alguns gêneros alimentícios e passou a fornecer insumos aos cooperados.

Atraídos pelas facilidades e benefícios proporcionados pela cooperativa, mais produtores rurais da região se associaram à Coapil, que cresceu e recebeu a aprovação dos cooperados. Daí em diante, eles passaram a usufruir de melhores preços, produtos de qualidade, maiores prazos para pagamento de compras e apoio no trato de seus animais.

## EVOLUÇÃO

De 1976 a 1989, a Coapil teve sérios problemas de gestão. Quase chegou a enfrentar um processo de liquidação, em 1982. De pronto, os dirigentes recorreram a Juca, que já não fazia mais parte dos quadros da diretoria. Ele assumiu a gestão financeira, recorreu aos órgãos oficiais de apoio às cooperativas e, num trabalho conjunto com a cúpula da instituição, conseguiu reerguer a Coapil. “Nesse período, optamos pela intervenção. Formamos uma nova diretoria, eu e mais dois colegas. Levantamos o histórico da cooperativa, identificamos os erros, apontamos as soluções e, a partir disso, conseguimos um financiamento”, explica.

Mais uma vez, a vida de Juca da Quita estava entrelaçada com o cooperativismo. Ao lembrar o processo de fundação da cooperativa, ele diz sentir orgulho por ser um dos cooperados e por ter a oportunidade de acompanhar o crescimento da instituição. “Vendo hoje a Coapil, percebo que houve uma evolução muito grande na sua área de atuação e de serviços prestados aos cooperados. Isso se deve a uma direção atuante que vai a campo para acompanhar o trabalho realizado pela cooperativa. Poder vivenciar isso me deixa muito satisfeito.”

Ao analisar as últimas ações da cooperativa, Juca da Quinta destaca como uma medida importante o investimento em silos graneleiros. Ele acredita que os produtores da região necessitam de apoio para armazenar a sua produção. “Se hoje eu ainda estivesse à frente da Coapil, daria muito incentivo para a área de armazenagem. Não adianta o produtor rural ter boas máquinas e boas condições para cultivo se ele não tem onde estocar sua produção, por isso considero os silos de extrema importância para os nossos cooperados. Estou muito feliz com esse investimento e quero ver a cooperativa crescer ainda mais.” Ele sabe que sua luta não para de frutificar.



*Vendo hoje a Coapil, percebo que houve uma evolução muito grande na sua área de atuação e de serviços prestados aos cooperados.* ”

**1.680**

associados

**10**

silos graneleiros em operação.

**326**

funcionários

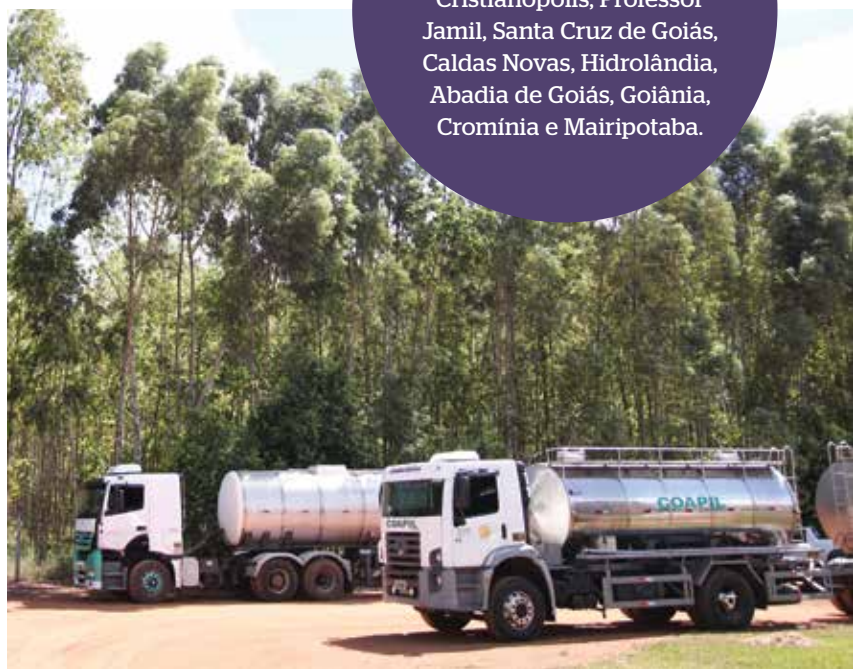
**850 mil**

capacidade de armazenagem de sacas de grãos (de 60 kg cada)

**12**

**municípios goianos:**

Piracanjuba (sede), Bela Vista de Goiás, Morrinhos, Cristianópolis, Professor Jamil, Santa Cruz de Goiás, Caldas Novas, Hidrolândia, Abadia de Goiás, Goiânia, Cromínia e Mairipotaba.



# Na luta, desde criança

Juca nasceu em 23 de março de 1923, na Fazenda Cachoeira, zona rural de Piracanjuba. Aos oito anos, perdeu o pai e, por ser o primogênito, viu-se na obrigação de contribuir para o sustento da família, arranjando emprego em propriedades rurais da redondeza. Em busca de uma vida melhor, sua família mudou-se para a zona urbana de Piracanjuba, onde o então menino Juca, sempre ligado em novas oportunidades, começou a trabalhar como auxiliar de pedreiro.

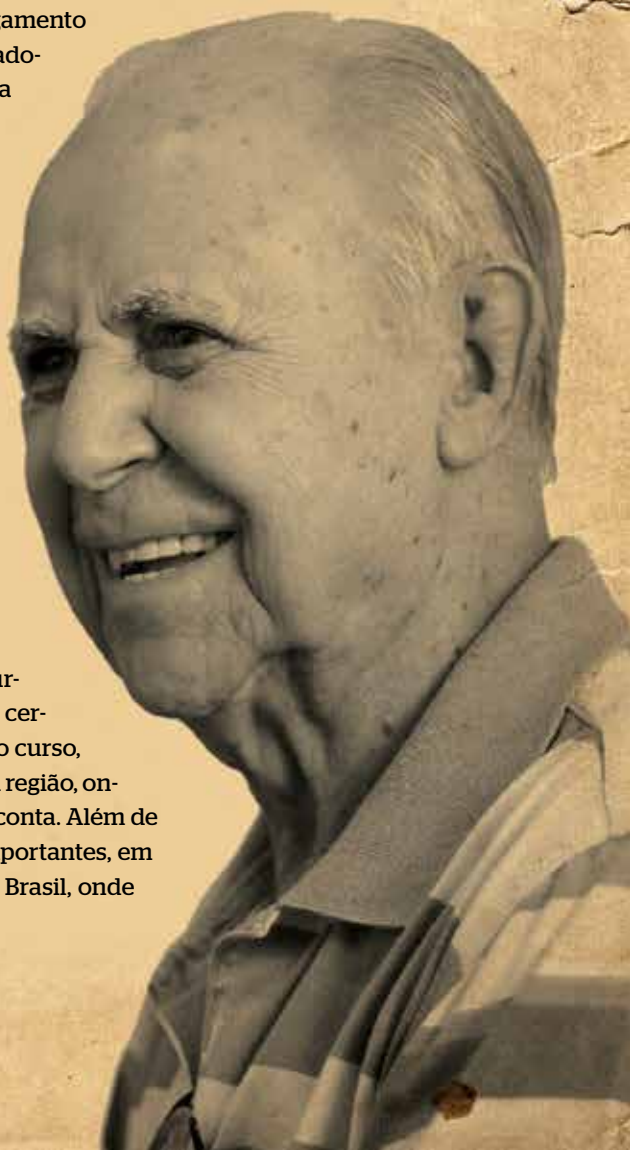
Sua estreia no ofício foi na construção de um prédio da cidade. Certo dia, o pedreiro responsável pelo muro da obra não apareceu, e Juca tomou a iniciativa de mostrar o que já havia aprendido. Levantou o muro sozinho e teve o trabalho elogiado pelo gerente da obra. Começava, assim, uma nova profissão.

A primeira participação de Juca em uma obra de vulto foi na construção da Escola Municipal de Educação Básica Coronel João de Araújo. Inicialmente atuando como auxiliar de construção, ele chamou a atenção dos chefes por ser organizado e logo passou a acumular a função de responsável pelo repasse do pagamento aos demais colegas. Como a inauguração estava próxima, os trabalhadores tiveram a jornada de trabalho aumentada - e, mais uma vez, Juca se destacou. Proativo, reivindicou e conseguiu um razoável aumento de salário para os empregados. "Depois disso, passei a ser considerado um líder por aquele grupo", conta.

## CIMENTO ARMADO

Em 1945, o então presidente Getúlio Vargas, por meio de um decreto, determinou que quem fizesse um curso prático na área de construção poderia exercer a profissão de forma regularizada. Já conhecedor do talento de Juca, o prefeito de Piracanjuba inscreveu-o para estudar em Belo Horizonte. Preocupado em ter um bom desempenho, o operário Juca pediu ao prefeito que lhe comprasse livros sobre construção, a fim de chegar com alguma base ao curso. "Eu tenho um desses livros até hoje. O título é *Cimento armado*, e essa obra foi essencial para o sucesso de minha carreira como construtor", atesta.

Aprovado na primeira etapa do curso, ele passou ao segundo turno, em Goiânia. Foi lá que ele concluiu o curso de construtor. Com o certificado em mãos, não tardou a se consolidar na profissão. "Depois do curso, além das obras locais, recebi ofertas de trabalho de outras cidades da região, onde tive oportunidade de construir desde casas até praças públicas", conta. Além de ter ajudado a erguer muitas casas, ele participou de construções importantes, em Piracanjuba, entre as quais se destaca a primeira sede do Banco do Brasil, onde hoje funciona o Sindicato Rural. ■







### ICAGRO 1

Os principais jornais do país repercutiram o Índice de Confiança do Agronegócio (ICAgro), instrumento desenvolvido pela OCB em parceria com o Departamento de Agronegócio (Deagro) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Durante o lançamento oficial do ICAgro, em São Paulo, em fevereiro, o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, destacou: “Teremos a oportunidade de olhar o agronegócio de maneira integrada, já que as cooperativas são agentes importantes nesse contexto, dentro e fora da porteira. Elas são verdadeiros centros de segurança para os seus cooperados e, com as informações do ICAgro, poderão rever estratégias e identificar novos caminhos para potencializar a competitividade dos seus associados”.

### ICAGRO 2

Iniciativa pioneira, o ICAgro é um indicador econômico que, com divulgação trimestral, tem foco na meta de compreender os pontos de convergência e divergência entre os elos da cadeia produtiva, medir a disposição de realizar novos investimentos e antecipar mudanças de tendências. Paralelamente, a OCB, em parceria com as demais instituições, continua realizando pesquisas que, tendo como alvo a sustentabilidade do agronegócio, colaboram para fortalecer esse importante setor da economia brasileira. O estudo completo sobre o Índice de Confiança do Agronegócio pode ser visualizado no site [www.icagro.com.br](http://www.icagro.com.br).



# 89,5%

Percentual de agricultores e pecuaristas que, na pesquisa do ICAgro, demonstram a intenção de unir esforços na realização de suas atividades, aderindo a compras conjuntas de produtos e serviços. É um claro sinal de reafirmação do sistema cooperativista



### DIAGNÓSTICO EDUCACIONAL

O progresso das cooperativas do Ramo Educacional marca presença na agenda de decisões do governo. De olho na conquista desse importante espaço, o Sistema OCB, em setembro de 2013, retomou os trabalhos do diagnóstico educacional, para ampliar o conhecimento sobre o ramo e fortalecer a ação cooperativista junto ao poder público. Questões tributárias e a necessidade de financiamento estão no foco desse trabalho, que, na primeira etapa, obteve o retorno de 52% das cooperativas aos questionários elaborados. Entre os respondentes, 89% fazem parte da diretoria, o que demonstra alto grau de comprometimento com a ação.





# O fator comunicação na equação do desenvolvimento

A comunicação para o desenvolvimento é uma esfera original de fluxos de informação que se estabelecem com o fim de promover e agilizar o processo de conhecimento e a sua apropriação pela sociedade, com a finalidade de transformar e melhorar as condições de vida das pessoas. Neste sentido, o sistema cooperativo, que trabalha alinhado com o desenvolvimento de distintos grupos sociais, pode ser beneficiado por tais noções, desde que se defina bem qual comunicação e qual desenvolvimento estão sendo tratados.

O substantivo “comunicação” se refere à interação de sujeitos que se valem dos seus contextos históricos e trocam saberes. A qualidade da adjetivação “desenvolvimento” se refere às ações que promovem o desenvolvimento social, cultural, educacional, político e econômico da sociedade com a centralidade no ser humano e nas suas relações e interações com a comunidade onde as pessoas vivem e buscam formas de sustentabilidade em todos os sentidos.



Os vocábulos “intercâmbio” e “interação” são igualmente preciosos para esta visão, pois preconizam e antecipam a forma como a ação será desenvolvida e o posicionamento adotado na relação com as pessoas. Comunicar para o desenvolvimento implica observar noções básicas de interação social, com a proposta da reciprocidade e a preocupação constante e atenta para perceber e respeitar as demandas desde o ponto de vista da sociedade. Requer um novo modelo mental do comunicador, orientado para ouvir com atenção as pessoas, entender os seus processos e na medida do possível fazer um diálogo destes com outros saberes.

A ideia é que a comunicação possa agir estrategicamente neste contexto, sendo propositiva e não reativa às rotinas de produção do conhecimento. Neste sentido, a comunicação para o desenvolvimento é sempre questionadora em relação aos conteúdos que serão ofertados. Cabe-lhe perguntar, entre outras coisas: Para que servem estas informações? Quem se beneficia deste conhecimento? No que esta informação pode transformar a realidade? A que tipo de desenvolvimento esta informação leva? As pessoas podem efetivamente usar estas informações? Quem se responsabiliza pelas consequências do uso destas informações?

Para que perguntas como essas tenham consequências práticas, é interessante que a comunicação se antecipe e fiscalize, buscando dados para compor o que será posteriormente ofertado. Assim, preconiza-se que o comunicador social



Flora Egécia

passa a ter uma atividade prospectiva com a sociedade, trabalhe na linha de frente das questões que podem orientar as respostas das agências públicas e organizações sociais que atuam para o desenvolvimento. Isso é importante porque, sem tal ajuste, é possível que se obtenham muitas respostas para perguntas não feitas - muito barulho e pouca comunicação efetiva com a sociedade - ou, pior ainda, que informações imprecisas ou mesmo falsas sejam ampliadas.

A função dos comunicadores no contexto do desenvolvimento se amplia, pois cabe ir a campo, ouvir, entrevistar pessoas e trazer depoimentos singulares, para que as questões sejam discutidas abertamente nas instituições. Esta operação aparentemente inversa, de colaborar na identificação dos problemas, é o que compete ao comunicador, e ele deve estar preparado para isso. Trata-se de inserir no processo comunicacional a preocupação constante com as consequências.

Busca-se, portanto, manter um olhar mais atento para a comunicação humana, para as interações e trocas que podem promover um

desenvolvimento equitativo da sociedade. A atividade operacional, as ações que envolvem comunicação para o desenvolvimento, estão condicionadas ao modo de exercer o trabalho de interação com a sociedade. A primeira atitude da comunicação para o desenvolvimento é criar estratégias para observar atentamente a realidade. Somente após este exercício livre, de percepção dos sinais, o comunicador pode pensar formas de interagir com os sujeitos sociais.

Não se pode esperar das empresas comerciais compromissos tácitos em comunicar para o desenvolvimento, embora, em muitos casos, tais empresas possam executar programas (peças isoladas em sua programação) com alto envolvimento e sensibilidade social, sendo mais efetivas do que a comunicação pública de governos ou de organizações da sociedade. Hoje se fala em novas medidas para medir o desenvolvimento, com índices como o FIB (Felicidade Interna Bruta), que se complementa ao PIB (Produto Interno Bruto). Por isso, teremos que avançar na reflexão sobre as novas formas de analisar o mundo e interagir, mais do que intervir e apresentar um “prato pronto”, como acontece quando o fator comunicação entra na equação sem preocupações com o desenvolvimento social.

Afinal, é sempre difícil responder como anda a nossa comunicação e a comunicação da nossa instituição. Elas servem ou têm atendido exatamente a quais propósitos? Com a palavra, as cooperativas e seus comunicadores. ■



# Viagem à Europa

No meu segundo mandato na presidência da OCB, consegui recursos da então ainda chamada Comunidade Econômica Europeia para levar ao Velho Continente um grupo de 30 líderes cooperativistas brasileiros a conhecer três experiências lá exitosas: os bancos cooperativos alicerçados em cooperativas de crédito; os modelos de formação de recursos humanos para o movimento, uma vez que tínhamos conseguido inserir na Nova Constituição o tema da autogestão; e a reforma agrária realizada por cooperativas.

As OCEs escolheram os seus candidatos em cada estado e lá fomos. Percorremos seis países, de ônibus, durante 40 dias. Foi um extraordinário aprendizado.

O primeiro objetivo, bancos cooperativos, era nossa grande prioridade. Eu já havia visitado instituições em vários países: o Rabobank holandês, o DGBank alemão, o Credit Agricole francês, o Boerenbond belga e o Raiffaisen austríaco, além de mode-

los fora da Europa, no Canadá e no Japão. Sob a batuta do mestre Mário Kruel Guimarães, queríamos montar nosso sistema de crédito cooperativo que não decolava por causa dos famosos “não podes” do Bacen. Nada podia: nem ter talão de cheques, nem cartão de crédito, nem recolher tributos, nem nada, de modo que estávamos amarrados. Por isso a delegação tinha especialistas no crédito, como Ronaldo Scucato, Ademar Schardong, Américo Utumi, Dejandir Dalpasquale e Inácio Donel. Valeu muito como orientação para nós.

Mas além dos estudos, tivemos nossos dias de folga, quando foi possível visitar museus e monumentos históricos, importante lado cultural da viagem.

Um desses bons momentos foi um domingo inteiro em Paris, só para nós. Passamos o dia todo andando a pé ou de metrô, e conseguimos ver as principais atrações da Cidade de Luz. No finzinho da tarde, já escurecendo, estávamos - um grupo

de seis ou sete - no alto das escadarias de Montmartre e, embevecidos, identificávamos os pontos que tínhamos conhecido, recordando suas belezas, quando o companheiro Paulo Bernardes, cacique do setor leiteiro de Minas Gerais, perguntou:

- “Quantos anos tem esta cidade?”.

- Uns 2000, foi a resposta.

- E ele: “Quando tinha 100 anos, tinha esgoto e água encanada?”

- Claro que não, ele ouviu, e retrucou:

- “Tinha telefone, luz elétrica, telegrama?”

- Diante da negativa, insistiu: “Tinha carro, ônibus, trem, bonde?”

Quando todos já se iam irritando com estas perguntas tolas, ele completou:

- “Pois lá em Corinto já tem tudo isso, e a cidade não fez nem 100 anos! Quando tiver 2000, vai ser muito melhor que esta velharia aqui...”

Era pura gozação. ■



# O MELHOR DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO TAMBÉM NO SEU TABLET



## PARA ACESSAR DO SEU TABLET:

- Entre na **Apple Store** ou **Google Play** e digite “**Revista Saber Cooperar**”;
- **Certifique-se** de que você possui uma conta na Apple Store ou no Google Play;
- Ao encontrar o aplicativo, **clique para instalá-lo**;
- Ao abri-lo, **acesse as últimas edições** da revista.



Em formato digital, a Saber Cooperar está ainda mais presente. Você pode acessar todo o conteúdo de sua revista com um simples toque, a qualquer momento.

Se você quiser receber a revista impressa, mande um e-mail para o endereço [revistasescoop@sescoop.coop.br](mailto:revistasescoop@sescoop.coop.br) e faça parte do nosso mailing.

A distribuição é gratuita.



# A feira internacional do cooperativismo espera por você com novidades do Brasil e do mundo.



Bem-vindo ao maior evento para a promoção de produtos e serviços cooperativos. A **EXPOCOOP** gera oportunidades para as cooperativas ampliarem relacionamentos, demonstrarem produtos, serviços e inovações. Visite a **EXPOCOOP** e conheça um universo de oportunidades que só o cooperativismo pode oferecer.



**EXPOCOOP**  
Feira Internacional de Negócios para o Setor Cooperativo  
Brasil 2014

## Convite Cortesia



De 16 a 17 de maio de 2014 - Das 14h às 21h - Expo Unimed Curitiba - Paraná  
R. Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300 - Campo Comprido - Curitiba - Este convite é uma cortesia aos leitores da Revista Saber Cooperar, garante acesso gratuito aos 3 dias do evento. Preencha e entregue na recepção do evento. Venda proibida.

Nome \_\_\_\_\_

Empresa/Entidade \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ E-mail \_\_\_\_\_

Website \_\_\_\_\_ Telefone (DDD) \_\_\_\_\_

